

AVULSO

ESC.
1.20

ANO II—N.º 101

22

ABRIL
1943



Vida
Mundial

ILUSTRADA

Semanário gráfico de actualidade!

AQUI entre Nós

E STAMOS em plena semana da Páscoa — e, por consequência, em plena liturgia. O português, segundo notam, não apenas os historiadores mas os psicólogos, aproveitou sempre as comemorações religiosas para distrair o seu estômago epicurista. O padre José Agostinho de Macedo deixou-nos mesmo, a este respeito, um autêntico manual de consulta. «Os perús, pelos Santos; os lombos, pelo Natal; os chouriços, pelo Entrudo; os cabritos, pela Páscoa» — enumerava êle religiosamente. Por agora, as circunstâncias da guerra, agravando o custo da vida e tornando escassos os géneros, não permitem que a grande maioria dos portugueses possa, neste momento, seguir a apetitosa tradição da sua gulodice. Quantos se lamentarão! Contra factos, porém, não há argumentos. Em todo o caso, não deixa de ser oportuno aconselhar-lhes uma coisa que, na opinião autorizada dum moderno Platão, costuma dar resultado: peguem num «menú» antigo e leiam-no, duas ou três vezes, em voz alta — sentados à mesa do jantar, rodeados por toda a família...

II

VAO, neste momento, a caminho da Terra-Nova e da Groelândia, os nossos arrastões da pesca do bacalhau. Em breve partirão os lugares. É uma pequena armada que parte à conquista dum peixe apreciadíssimo. «Fiel amigo» — lhe chamava dantes o povo, e com razão. Na verdade, o bacalhau foi, durante largos anos, um dos companheiros solícitos nas mesas populares. Hoje as coisas mudaram. As vicissitudes da existência converteram o amável e saboroso peixe numa obra rara e difícil. Oxalá que a companhia dêste ano possa converter em postas, sobre

Inventário & Balanço

O CASO DO «SANTA IRENE»

Des últimos oito dias há que assinalar o injustificado incidente que custou à frota mercante portuguesa a perda de mais uma das suas unidades. Pela nona vez, no decurso da actual guerra, se tem de registar caso de tal natureza — e isso perfaz um total superior a 21 mil toneladas de navegação afundada, apesar de se dever considerar protegida pela simples presença da bandeira nacional portuguesa. Há ainda a perda lamentável de vidas. Tudo isto porquê? A pergunta tem que permanecer sem resposta, pois nenhum dos beligerantes se sentirá com desejos de vir gabar-se, perante o mundo, da autoria de tal façanha, que só poderia deslustrar o garbo dos seus marinheiros. O caso tem o multiplice aspecto moral do desatado injustificado, do dano material que nos causa, do atentado contra a vida de cidadãos de um país que sabe respeitar os seus deveres de neutralidade e que, paralelamente, tem o direito de reclamar que lhe respeitem os direitos resultantes dessa condição. É além do mais, uma injustiça, pois envolve o esquecimento da acção humanitária que, em todos os mares os marinheiros portugueses têm sabido desempenhar, salvando centos de vidas de outros marinheiros de navios perdidos. E isto sem curar de saber a bandeira que defendem ou a causa por que se batem. A todos sabemos — e êsse orgulho temos — prestar o nosso auxilio. Pois a todos, igualmente, podemos reclamar que nos respeitem.

O COMBÓIO DOS FOGUETES

É difícil saber como as coisas se passaram. A carruagem ardeu, a carga explodiu, alguns passageiros ficaram calcinados, irreconhecíveis — numa tragédia de relâmpago — enquanto o combóio prosseguia a sua marcha. É inquestionável que houve negligência, fraude, possivelmente a ambição de não pagar qualquer taxa suplementar — e os foguetes ali iam, no meio da multidão, como se de mercadoria mais inofensiva se tratasse. Ainda nisto tudo muita inconsciência — pelo menos a inconsciência de tão grande perigo. Mas isso não atenuar a extensão do drama, que custou, num instante, a vida a oito, pessoas.

Vida
MUNDIAL
Lustrada

PUBLICA-SE TODAS

AS QUINTAS-FEIRAS

DIRECTOR:

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO

EDITOR E PROPRIETÁRIO:

JOAQUIM PEDROSA MARTINS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA GARRETT, 80.2.º — LISBOA

TELEPHONE: 25844

as nossas mesas, uma das mais sinceras aspirações culinárias do português que se preza.

II

O sr. Ministro das Obras Públicas assinou uma portaria aprovando o regulamento geral de abastecimentos de água e que se destina a substituir o de encanamentos particulares — preste a atingir o limite de idade. Estabelecem-se, no actual regulamento, obra de largo estudo e reflexão, as condições a que devem satisfazer as canalizações, peças acessórias e dispositivos de utilização aplicados em qualquer sistema de distribuição de água. O progresso e as condições de vida têm exigências a que não podem ser insensíveis os governos. O diploma agora assinado, ainda que possa suscitar dúvidas de interpretação e dificuldades de realização, corresponde, segundo os técnicos, a uma necessidade pública. Mas, ao reconhecê-lo, nem por isso deixamos de evocar as fontes silvestres, chilreando entre musgo verde, e que, constituindo as primitivas formas de abastecimento de água, revestiam a própria água da poética frescura das geórgicas...

II

QUANDO ontem engraxávamos os sapatos, notámos que o engraxador, enquanto puxava o lustro, ia assoviando, alegremente, uma das canções populares por aí em voga. Terminada a operação, saltámos da cadeira e, como de costume, atirámos ao operador uma moeda de um escudo.

— Faltam dois tostões...

— diz-nos o rapaz.

— Então isto está mais caro?

Logo êle:

— Não, senhor. Mas com música são doze tostões...

Ficam prevenidos os engraxados.

Páscoa BEIROA

UMA CRÓNICA DE MANUELA D'AZEVEDO

ALELUIA! Aleluia! Aleluia!...

A voz do sino lá vai, desdobrada, de aldeia em aldeia, de flor em flor, de rio em vales...

Aleluia! Aleluia!...

É sábado. Dez horas. Rasgam-se os panos de luto dos altares que aparecem cheios de rendas, de flores e luzes rebrilhantes.

Cristo ressuscitou. Mas foi um trabalho. Nas igrejas, na casa de cada um. Com tantos dias santos de enfiada e tanta obrigação religiosa a cumprir — sermões e procissões, mais práticas e rezas — mal ficou tempo que dê para a limpeza: esfregar bem o soalho, depois de rapada à enxada a lizarada — ao menos uma vez em cada ano, para a visita do Senhor — tirar teias de aranha, esfumar a chaminé, pôr papéis rebicados na cantareira, arredar arcas para tirar as colchas e as toalhas, limpar vidros de janelas e dar tratos à ideia, a ver como há-de este ano ficar a mesa posta p'ro Senhor...

O sino repicou alegremente. A terra cheia a carumas frescas de pinheiro, os lilazes desabrocham aos braçados.

Aleluia! Aleluia!...

Três quartos de hora os sinos a repicar alegremente, a voz do povo a erguer-se a rir e a cantar, depois de quatro dias de contrição, rapazes e raparigas, a correr e a esconder-se:

— Entrego-te os falhões! Entrego-te os falhões!

— Fui eu primeiro! Deves-me as amêndoas!

— Manda-me a palma!...

Andaram desde quinta-feira de compadres espreita aqui, foge ali, a mandarem-se rezar, de dedo espetado, a ver qual ganharia as amêndoas. Ou, então, se não eram «compadres»:

— Queres enganchar comigo?

Ela disse que sim, e veio o lavrar do auto:

— Enganchar, enganchar, para te mandar rezar... Reza!

É começo de namoro, pretexto de conversas e caminho de sorrisos e olhadelas, esta reza quaresmal de todo o sempre. E em sábado de aleluia, entregues aos falhões, arrumada, perfumada, vasculhada a casa, da pilheira às traves defumadas, elas esperam gulosas e cheias de ansiedade as amêndoas da Páscoa...

Vem o domingo. A missa. As braçadas de flores frescas são desfolhadas, pétala a pétala, pelas crianças e espalham-nas à entrada da porta, mesmo na soleira e cá fora, fazendo passadeira na rua. É uma, é outra, são todas as casitas vestidas do mesmo ar de festa.

Não há far humilde que não se vista de flores. Ramos de camélias e lilazes saindo dos buracos fumados da parede, braçadas lindas, pendentes da telha vã. Na «sala» que às vezes é quarto de entredado ou de doente de cama, armou-se a mesa com o Senhor: encostada à parede, coberta de toalha branca de linho, com largas rendas. O Cristo pregado à cruz equilibrou-se na base carcomida pelo tempo e está de braços abertos, tentando abranger a humanidade num abraço que nunca teve expressão... Duas velas ao lado a alumiar. Entre papéis recortados, as bôlas do foliar, coscoreis e o mais que fór de guloseima. Na frente, no pratinho mais maneiro, uma grande laranja e espetada a libra de ouro, se a há. Se não há — uma nota, a que estiver disponível, porque os fiéis já sabem que o sr. Vigário não «levanta», se são pagadores de cóngrua...

Logo pela manhã, começou a visita pascal. O padre, o sacristão, o rapazio entram em todas as portas abertas.

O sr. Vigário vai ao lado do sacristão, que leva o Senhor envolto em amores-perfeitos e perfumado de incenso. O outro leva a caldeirinha e o sr. Vigário esparge água benta:

Aleluia! Aleluia!... Deus seja nesta casa!

Toda a família foi à porta. E todos endomingados. Ajoelham, para beijar os pésinhos ou as feridas do Senhor. E cheios de fé antiga esperam que a visita de Deus lhes traga ano farto de pão e minquado de dores...

O maroto do rapazio tange a campainha com braveza. Aquilo só se faz uma vez em cada ano, e sabe bem. Lá vai outra repicadela:

Aleluia! Aleluia!...

— Tudo muito bonito, sim senhores — diz o sr. Vigário, de cabeça muito branco sobre a sotaina preta. O sacristão e os ajudantes ficaram um pouco mais atrás ou fazem círculo defronte da mesa, a fazer o inventário do que está ou do que falta, para contar à família e aos amigos da venda:

— Fulano sempre este ano apresentou foliar!...

Os donos da casa cumprem o regulamento:

— O sr. Vigário não é servido?...

Não é preciso insistir. O padre vem com pressa, e não aceita. As vizinhas chegam à porta ou à janela: a ver onde foi que o sr. Vigário demorou mais tempo:

— Foi em casa do António!...

Aleluia! Aleluia!...

A sucapa, a velha da casa meteu no saquitol vermelho do sacristão que traz opa, duas peras ou meia dúzia de nozes. Pega aqui, pega ali, no fim da manhã faz conto...

O sr. Vigário despede-se. Joelho em terra, todos beijam o Senhor. Acompanham os visitantes à porta.

— Até para o ano, se Deus quiser, e que Deus fique nesta casa.

Aleluia! Aleluia!...

Ai daquele que tiver levado o sr. Vigário a provar da jero-piga. Os outros, que não foram contemplados com a prova de amizade, é que o coçam. De língua: anda feito com ele; por isto, por aquilo, faz-se-lhe de mantos de seda...

Aleluia! Aleluia!...

Cá fora, há flores pisadas. Pétalas exangues de camélia branca, feitas da cor da ferrugem sob os pés do padre e do sacristão, calçados de botas brochadas...

Apagam-se as velas, desarma-se a mesa, guarda-se a libra e acabou-se a festança. O sr. Vigário lá segue por outras ruas, a levar a mensagem de Deus. Entrevadinhos chorosos, pele mais curtida de gelhas e de covas do que a terra dos vulcões, mãos trémulas, de ossos contorcidos, descarnados; braços roliços de corpos de babinhos; míseros e castos, são e leprosos curvados iguamente, num ósculo comovente sobre o mesmo péssimo a sangrar tinta...

Aleluia! Aleluia!...

— Que trabalho, que trabalho, sr. professor!...

Bem que o vigário gostaria de tirar já ali as botifarras. Mas é da praxe: o almoço, para todos, é em casa do sr. professor.

— Aleluia! Aleluia!...

A costureira não teve mãos a medir durante as últimas semanas. Também a governante do sr. Vigário não teve mãos a medir: desde domingo pela manhã esteve sempre a receber as bandejas com os folares, as cestinhas de ovos e galinhas, os perús, os leitões, as maçãs camoesas, o queijinhos, doçaria...

Aleluia! Aleluia!...

Às vezes, durante a visita, levanta-se o bicudo do teorema:

— Entro, ou não entro?

Mora ali o «vermelho» da terra, a mulher de mau porte, aquele que a igreja renegou, os outros não casados pela igreja...

— Deus seja nesta casa!

O Senhor vai a toda a parte onde esteja porta aberta.

Aleluia! Aleluia! Aleluia!...

Chegou a Páscoa, a voz dos sinos reboou... E os sinos são realmente diferentes, como é diferente o sol da manhã tépida, a ingenuidade do povo e a sua graça cristã...



GABRIEL PASCAL

O HOMEM QUE SABE
TANTO DE CINEMA
COMO

Bernard Shaw



GABRIEL Pascal esteve outra vez em Lisboa. Acompanhava, de passagem para Londres, Maxwell Anderson, um dos nomes que surgiu na literatura teatral que se seguiu depois de Eugene O'Neill ter proclamado corajosamente a maioridade e a independência do teatro norte-americano. Pascal é destes homens envelhecidos no aspecto, daqueles que percorrem normalmente todas as etapas da existência, enquanto outros se deixam ficar agarrados à distração da infância e da juventude. Nasceu pobre na Hungria e fez-se rico em Inglaterra. O ar acimado do seu rosto não engana ninguém. Nêle estão estampados os episódios marcantes da sua vida nómada de homem de cinema, como flagrantes sucessivos, obediência a determinismo de onde é impossível fugir.

Falámos com Gabriel Pascal. Já éramos conhecidos. Já nos havíamos encontrado nas suas anteriores etapas por Lisboa. A primeira vez foi em 1941 e êle trazia no bolso um contrato por três anos como produtor exclusivo para a United Artists — essa organização categorizada de filmes que os americanos garantem ter todos os ingredientes indispensáveis da qualidade, visto não se poder escrever «qualidade» sem as letras UA... Rejubilava com o facto de enfileirar ao lado de alguns dos nomes mais prestigiosos do cinema, género jarrões a ornamentar um ambiente de consagrados, como Charlie Chaplin, Mary Pickford, Alexandre Korda. Todavia, o que o evidenciou mais foi a sua habilidade para convencer George Bernard Shaw a aderir às coisas de cinema. Tornou-se num «senhor falado». A filmagem, porém, da segunda obra não foi tão feliz quanto a anterior, que resultou um filme de excepcional valor artístico. Devemos reconhecer, é certo, que o material literário de «Pigmaleão» era melhor do que o de «Major Barbara» e que a direcção combinada de Leslie Howard e Anthony Asquith deu à fita uma unidade que a de

Gabriel Pascal não conseguiu infundir. No entanto, há que verificar, também, que «Major Barbara» constitue, apesar de tudo, um bom espectáculo e seria na verdade excelente, se não decaísse bastante nas últimas cenas, sem a mesma intensidade, o mesmo pitoresco, o mesmo colorido das que formam as três primeiras quartas partes da película.

A culpa disso, todavia, não pertence a Gabriel Pascal. Êle próprio concordou connosco neste ponto, lamentando ainda que algumas partes tenha sido cortado o prólogo do filme que Bernard Shaw expressamente adicionou — prólogo patético que teve grande repercussão e que foi, de facto, o que assegurou grande parte do êxito do filme. Desta vez, a nossa conversa com o cineasta que enfeitou o famoso escritor irlandês caiu toda na personalidade do autor de «Santa Joana». O produtor oficial das suas obras falou com entusiasmo do feito excêntrico de Bernard Shaw, que começou por afirmar, num dia de sol e céu azul, raridade em Londres, que a literatura inglesa tem apenas três «Sh. — Shakespeare, Shelly e Shaw. Mais tarde, arrependido de haver citado tanta gente, cortou os outros dois, preferindo ficar sozinho. Passou então a fazer «blague» sobre Shakespeare — «depois de Homero, o mais aborrecido dos escritores eminentes, na sua opinião».

«Foi para demonstrar que aquilo tudo que o poeta de Avon havia escrito estava «demodê» e antiquado — acentuou Pascal — que Bernard Shaw resolveu actualizar as tragédias que os séculos haviam consagrado, modernizando-as e introduzindo modificações de acordo com a época que a Humanidade atravessa. A Inglaterra ficou calada como o passageiro do «elétrico» que leva uma pisadela de outro que entra e fica, não diz nada para não discutir».

Ê é evocado o ambiente em que se apresentou com grande êxito no Teatro Embassy, de Londres, «Cymbeline». No programa, lia-se: «De William Shakespeare & George Bernard Shaw». Estava feita uma nova sociedade teatral, que deveria conseguir revolucionar o am-

biente londrino. As modificações foram introduzidas principalmente no enredo que Shaw considerava um «dramalhão detestável». Adquiriu um carácter mais suave, mais de «vaudeville», com passagens que se referem directamente à abdicção do ex-rei Eduardo, o que agradou muito aos inimigos da ex-senhora Simpson...

Gabriel Pascal, cujos ideais naturalistas estão de acordo com certas excentricidades do seu amigo, como os banhos de mar em rigoroso inverno, não oculta entusiasmo ao afirmar que Bernard Shaw, apesar de irlandês, foi das melhores coisas que apareceu neste século insipido com o rótulo de «Made in England». Talvez o seu feito, mais do que a prosa, lhe tenha valido um título que é muito cobiçado: humorista. Por isso, tudo o que faz, provoca risos e comentários elogiosos ao seu espírito. Qualquer coisa dita por êle tem um aspecto cómico que só não faz rir os filhos da Velha Albion, porque êles são inimigos sistemáticos das demonstrações espalhafatosas de alegria Daí, o ter Bernard Shaw desistido de fazer rir a Inglaterra, preferindo tornar-se engraçado à sua custa perante o resto do mundo, Shaw não hesita e prossegue na sua obra. Não quer ficar, apenas, na «Cymbeline». Modificará o Romeu e acalmará os nervos de Julieta, dará mais prudência a Desdemona e acabará por convencer o rei Lear que fez uma grande asneira em dividir todos os seus bens em vida. E com isto Shaw conseguirá mais uma vitória e lavrará mais um tento. Porque êle é capaz de tudo: até mesmo de aborrecer os ingleses...

«Shaw não perde a oportunidade de uma boa piada — acentuou Gabriel Pascal. Imagine só isto: Ao ter conhecimento da assinatura do meu contrato com a United Artists, Charlie Chaplin, que é um dos produtores-proprietários, recebeu de Bernard Shaw o seguinte telegrama: «Congratulações à United Artists por ter captado Gabriel Pascal o único homem no mundo que, com excepção de você, sabe tanto de cinema como eu»...

UMA ENTREVISTA DE AUGUSTO FRAGA



Morreu Harry Baur. E a notícia por pouco não surpreendeu os admiradores da sua arte. Talvez mesmo que a surpresa existisse em estar vivo o magnífico intérprete de «Código Penal»...

É que os jornais tinham já, havia meses, anunciado a sua morte — muito trágica, dizia-se: consequência arripante da guerra, vingando-se num refem. Afinal, a notícia da sua morte chegou outra vez: confirmação da primeira notícia? Verdadeira só agora?

De qualquer modo, a morte do grande actor ficará para sempre rodeada de um mistério lendário que talvez a História não se detenha a desvendar...

... foto que publicamos é das últimas que Harry Baur tirou.

7 dias de CINEMA

Por FERNANDO FRAGOSO

POUCO depois do clarim ter tocado o «cessar fogo» sobre a França, exânime e exausta, chegaram a Lisboa, a caminho da América, três cineastas dos mais representativos dos estúdios parisienses: Jean Renoir, Julien Duvivier e René Clair. Eram refugiados, como tantos outros, que buscavam, em paragens longínquas, a paz e trabalho, que a guerra lhe negara durante dois anos. A América aparecia-lhes como a Terra de Promissão, como o único lugar do mundo onde poderiam continuar a dedicar-se à carreira que haviam ilustrado. Julien Duvivier, familiarizado com o ambiente de Hollywood, encarava com tranqüillidade o seu futuro. «Lydia» aguardava que ele chegasse para entrar em produção. Jean Renoir parecia menos seguro. Preparava-se para seguir num cargueiro — havia que obedecer a imperativos económicos — e não tinha ainda um contrato firme na América, que lhe permitisse enfrentar com confiança a incógnita americana. De todos, o mais preocupado era, sem dúvida, René Clair. Hollywood não se mostrava muito interessada por este homem, que, de «Sob os telhados de Paris para cá, parecia apostado em fazer baixar sucessivamente o valor dos seus filmes. Depois, René Clair tinha fama de ser um homem com idéias «muito especiais» — e dizia-se que não transigiria com as chamadas «fórmulas comerciais», de que Hollywood não gosta de abdicar, ainda que em proveito da personalidade e do talento daqueles que a servem.

Mas René Clair não tinha, apenas, diante de si, o problema do futuro em terra estranha. Alguma coisa mais grave e mais dolorosa o afligia: a excomunição do governo de Vichy, que lhe retirava o direito de invocar a sua qualidade de francês. A pátria renegara-o — e quando o vimos, no «hall» do Palace do Estoril, onde errava como uma sombra, sentimos nele a verdadeira imagem do proscrito.

Julien Duvivier abalou um dia. René Clair, que

procurava então anular a sentença condenatória por cá ficou durante algum tempo. Depois partiu... Vichy revogara, por injusta, a decisão tomada. Como Duvivier e Renoir — encontrou trabalho nos estúdios americanos. E «A Condessa de Nova Orleães», que o Palácio e o Odéon nos deram, é, nada mais, nada menos, do que o epílogo do longo filme de que ele foi protagonista e que se desdobra nestes episódios, recheados de «clous» emocionantes: «O êxodo», «Proscrito», «De Lisboa a Hollywood», «Em busca de trabalho» — e «A consagração».

* * *

Vi, com uma curiosidade infinita, os filmes que estes cineastas produziram, após a sua chegada à América. E a razão é simples — se falhassem, teriam comprometido todas as esperanças que depositavam no seu futuro. As películas que iam dirigir nos estúdios da Cinelândia não eram apenas uma obra mais na história da sua carreira. Eram, simultaneamente, uma prova de exame, a demonstração das suas faculdades de adaptação e até — porque não dizê-lo — o lance decisivo na roleta da sorte!

Duvivier, que se mostrara descontente com «A Grande Valsa» — aliás musicalmente notável — teve em «Lydia» mais um filme desigual e hesitante. «Seis Destinos», porém, elevou-o a grande altura, o que parece demonstrar que a «casaca» de «Tales of Manhattan» decidiu mais um destino — o dele próprio. Jean Renoir estreou-se na América com o admirável filme «Águas Sombrias», que o Eden apresentou, o ano passado, em pleno verão — e só por isso não teve, entre nós, maior projecção. Depois do «Swamp Water», veio «Maré cheia» (Moon Tide), onde encontramos a atmosfera sombria, torturante e pesada, que ele tão bem soubera criar na «Pera Humana».

E, finalmente, René Clair. «A Condessa de Nova Orleães», que acusa, no «tom geral», o cuidado e a visão do produtor Joe Pasternak, redime o cineasta de «O Milhão», de muita banalidade. René Clair, que foi o homem que primeiro encontrou a «fórmula» do cinema sonoro — a palavra em reforço da imagem, numa inter-dependência que não subordinasse esta àquela — perdeu-se depois em divagações mais ou menos filosóficas e nebulosas. Tivemos assim obras nitidamente inferiores, onde apenas brilhavam idéias espirituosas que não tinham, aliás, expressão cinematográfica à altura das mesmas...

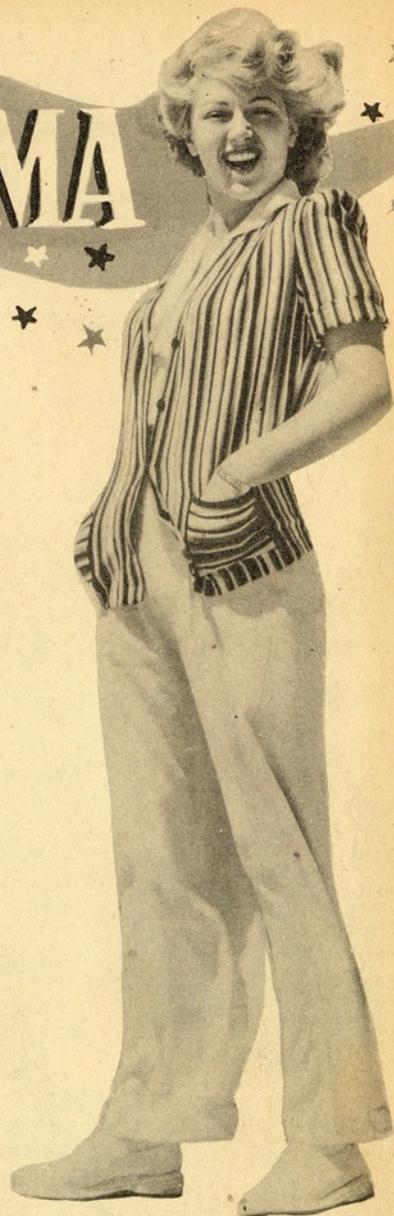
* * *

A «Condessa de Nova Orleães» é um filme de René Clair. Mas dum René Clair subordinado a um produtor inteligente que, sem fazer tábua razeira da maneira do realizador, soube expurgar o filme daqueles defeitos que têm origem nas virtudes duma personalidade própria e bem marcada. A obra tem, deste modo, dentro do estilo do cinema americano, o travo capitoso do humor e do espírito parisiense...

E fico a pensar que o «crucamento» da personalidade dos cineastas europeus com a técnica americana dá, quasi sempre, resultados que o aconselham — tal qual como acontece na espécie humana, com os filhos de um casal de raças diferentes...

* * *

Tenho por Marlene Dietrich uma simpatia decidida, desde que a vi no «Anjo Azul» tentar o professor Unrath, com o poder alucinante da estranha beleza e os malfélicos e artes das filhas de Eva. Parece-me que estou a vê-la, com as suas meias pretas a descobrir um palmo de perna nua; o chapéu alto descaído sobre as loiras madeixas; o



trajo de lhama de cantora de café-concerto, e aquela sua voz, rouca e sensual, que tão bem se casava com a sua figura inquietante e perturbadora. Depois, Marlene pela mão de Sternberg, seu anjo e demónio, foi para Hollywood, e dela fizeram uma «vamp» em filmes de espionagem, em romances de aventuras em países exóticos, em comédias de salão, passadas em meios equívocos e ambientes duvidosos. Marlene atravessou um momento difícil após a fase do seu êxito em Hollywood, veio para Paris e aqui procurou notabilizar-se com expedientes lamentáveis, como por exemplo adoptar, para seu vestuário, calças masculinas, que deram brado.

Quando uma vedeta tem que recorrer a semelhantes argumentos para se impor — devemos desconfiar...

A «Condessa de Nova Orleães» é um filme para Marlene — o que não sucedia, por exemplo, com «Destry Rides Again», esse filme admirável que Lisboa viu com o título de «A cidade turbulenta». Marlene, fotografada assombrosamente por Rudolfo Maé — outro francês — aparece remozada, rejuvenescida. A sua face parece resplandecer de beleza, sem aquele ar prematuramente envelhecido, que acusava nos últimos filmes. E é admirável o seu falso ar de candura e de ingenuidade, sob o qual esconde a alma de aventureira, que a domina.

* * *

Marlene e René Clair — estão de parabéns na «Condessa de Nova Orleães». Graças a este filme — poderemos contar com eles.



Marlene Dietrich na «Condessa de Nova Orleães» demonstrou mais uma vez o seu incomparável talento.

actualidades GRAFICAS



A guerra, com todo o seu sudário de tragédia e incerteza, não poupa nem mesmo os inocentes. Estas crianças de várias nacionalidades fazem parte de um grupo de 31 que, vindo da Espanha, se dirigem sob a protecção da Cruz Vermelha, para os Estados Unidos, para onde embarcaram já, a bordo do «Serpa Pinto».



Os alunos da Escola Superior de Belas Artes do Porto organizaram uma grande exposição independente — grande pela avultada figuração de trabalhos — grande, pelo valor das obras apresentadas e que mereceram justo interesse do público.



A cultura de um povo começa pelo princípio, isto é, pela idade infantil. E é por compreender isto mesmo que na Inglaterra a literatura para crianças merece um cuidado todo especial dos escritores, como ficou demonstrado na larga exposição que o ministro inglês em Portugal, sr. John Balfour, inaugurou há dias na livreria Portugal. Na inauguração também estiveram os directores do Instituto Britânico em Portugal e da Agência Geral das Colónias e o presidente do Instituto para Alta Cultura.



Pierre Goemaere não tem somente o dom de bem-dizer: sabe observar como poucos. Por isso a sua última conferência no Teatro Nacional sobre «Pourquoi j'aime Lisbonne» foi não só uma tarde de recriação espiritual mas também a observação do retrato da nossa cidade e de nós mesmos...



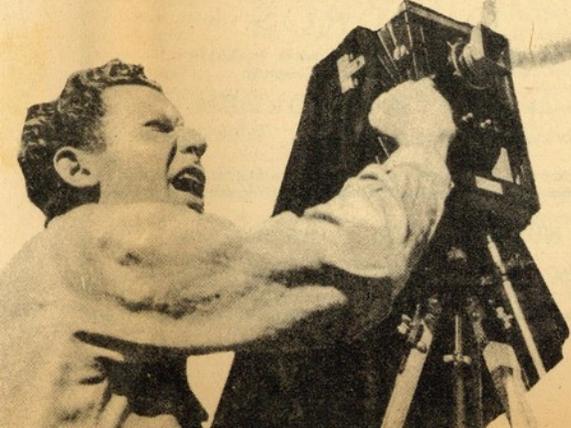
O corpo activo da Cruz de Malta prestou homenagem ao seu comandante sr. Abel Guimarães, que foi elevado a 1.º comandante, depois de 16 anos de bons serviços prestados àquela simpática instituição. Ofereceram-lhe um almôço, muitas flores e uma placa em prata com os nomes dos seus subordinados.



Manuel Bentes, há tanto tempo arredado do público de Lisboa, regressou ao seu convívio. É uma exposição de interesse particular, esta de oleos, com paisagem, natureza morta e flores, muitas flores, apresentada agora no estúdio de S. Pedro de Alcântara.



Trinta e quatro anos de exercício no professorado, tantos foram os levados agora a cabo pelo sr. Dr. Artur Rocha, que acaba de deixar o liceu Camões, por ter atingido o limite de idade. A sua última lição, na presença de antigos e actuais alunos, foi ao mesmo tempo motivo de simpática homenagem.



B.B.C.
A VOZ DE LONDRES

fala e o mundo acredita

Emissões em LÍNGUA PORTUGUESA

Hora de Lisboa	Comprimentos de Onda
9.45	41.96 m. (7.15 mc/s)
	31.75 m. (9.45 mc/s)
	31.32 m. (9.58 mc/s)
14.15	24.92 m. (12.04 mc/s)
	19.76 m. (15.28 mc/s)
22.45	31.75 m. (9.45 mc/s)
	41.32 m. (7.26 mc/s)
	42.13 m. (7.13 mc/s)
	261.1 m. (1.149 kc/s)
	1.500 m. (200 kc/s)

Deixe o gramofone ensinar-lhe outra língua



Veja como é fácil!...

Sente-se confortavelmente e oiça os discos próprios para o ensino de línguas no seu gramofone. Todos os discos são gravados por professores da nacionalidade.

CURSOS DE:
Francês, Inglês,
Alemão, Italiano, Espanhol,
Português, etc.

A medida que ouve o disco siga as palavras ditas pelo professor no livro de texto ilustrado, fornecido com o curso.

Rapidamente se familiariza com a língua que aprende e em breve está apto a principiar a escrever e

falar com boa pronúncia, pois nestes discos não ouve uma só palavra mal pronunciada.

Peça uma demonstração nos

Est. Valentim de Carvalho

RUA NOVA DO ALMADA, 97

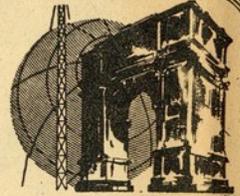
Pelaria Pampas

Apresenta para a PRIMAVERA confecções em MARTAS VISIONS e PITOIAS.

65, RUA DA CONCEIÇÃO
LISBOA

A P T 21004

ESCU Tai



ROMA

**NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS**

Horas de Portugal	Programa	Postos	Metros	Kc/s
7.40	Noticiário	2 RO 21	19.92	15060
		2 RO 4	25.40	11810
12.20	Comunicado de guerra	2 RO 17	15.31	19590
		2 RO 8	16.84	17820
13.30	Noticiário	2 RO 8	16.84	17820
		2 RO 21	19.92	15060
17.00	Noticiário	2 RO 17	15.31	19590
21.00	Noticiário	2 RO 4	25.40	11810
		2 RO 3	31.15	9030
21.40	Noticiário	2 RO 6	19.61	15300
		2 RO 4	25.40	11810
		2 RO 18	30.74	9760
		2 RO 11	41.55	7220
23.30	Noticiário	2 RO 26	48.23	6220
		221.10	ondas	
		2632.0	médias	
23.30	Noticiário	2 RO 6	19.61	15300
		2 RO 19	29.04	10330
		2 RO 18	30.74	9760

CONVERSÇÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA

21.10	Aos domingos	39.80
21.20	As quartas-feiras	31.41

E.I.A.R. CENTRO RADIO IMPERIALE

QUADROS

Exposição permanente de quadros modernos.
Óleos - Aguarelas - Desenhos.

Galeria A. MOLDER

Rua Rodrigues Sampaio, 136

Telefone 4 9817

ESTE NÚMERO E DE 24 PAGINAS E FOI
VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Alegria em corpo são!



QUANDO, há anos, se criou pela primeira vez em Portugal, uma organização económica do auxílio ao trabalhador, muita gente não acreditou logo no largo alcance dessa obra que já hoje constitui assinalável benefício das classes proletárias.

A Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, cuja abreviatura, formada das primeiras letras do seu nome, toda a gente

hoje conhece — a F. N. A. T. — é, por assim dizer, a corporização do decreto-lei n.º 25.495, publicado a 13 de Junho de 1935.

A sua acção não se fez esperar, pois logo no primeiro ano foram abertos ao público os refeitórios de Lisboa e Pórtio, as Colónias de Férias e Balneares, do Centro de Cultura Popular de Lisboa, passaram a funcionar com um ritmo novo entre nós, em casos de tal natureza.

O refeitório de Lisboa, de todos o mais conhecido, iniciou o seu funcionamento com alguns sócios apenas. Era uma novidade: refeições a dois escudos, preço acessível a todas as bolsas. No entanto, aparecia pouca gente, talvez por que o público pensava que a F. N. A. T. era uma modalidade das cozinhas económicas...

Mas não era — e aí estavam os primeiros associados a dizê-lo: — «Vai à F. N. A. T. e faz-te sócio».

Assim se fez o reclame — propaganda racional, directa e espontânea que começava a fazer que o número de associados aumentasse de dia para dia, de mês para mês e de ano para ano.

Ao princípio, eram cem ou duzentos sócios: hoje são alguns milhares. E a grande afluência de gente — cada vez mais gente! — obrigou a F. N. A. T. a ampliar a sua acção, melhorando, alargando e corrigindo a organização dos seus serviços — desta vez com novas bases, ractificadas pelo decreto 31.036.

Esta remodelação permitiu-lhe alargar as suas funções, abrangendo inúmeras actividades. Passou, então, a dirigir cursos de cultura geral, a organizar conferências e palestras radiofónicas, a instalar bibliotecas, a promover visitas de estudo, sessões de cinema, a criar cursos de ginástica, festas desportivas, a fundar colónias de férias e a criar novos refeitórios nas várias cidades do país.

A pouco e pouco a F. N. A. T. tem levado a cabo todo o seu programa de melhoramentos. A inauguração do Refeitório de Lisboa, em Março de 1936, seguiu-se a abertura daquele outro, no Pórtio, em Outubro do mesmo ano. A Colónia de Férias da Caparica — «Um lugar ao Sol» — recebeu os primeiros sócios a 31 de Junho de 1938, a Colónia Balnear Infantil «General Carmona», na Foz do Arelho, junto à Lagoa de Óbidos,

foi inaugurada em Julho de 1940, e a Colónia Balnear Infantil «Dr. Oliveira Salazar», que tem uma função idêntica à anterior, está instalada na Praia da Aguda, próximo do Pórtio.

Este ano, em princípios de Janeiro, mais dois refeitórios se abriram: um no Arsenal do Alfeite, onde a comodidade e bem-estar de muitos operários reclamavam esta medida, e outro em Alcântara, o grande bairro operário e fabril da nossa capital.

Nos armazéns frigoríficos da Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau, foi instalado nas melhores condições o Refeitório de Alcântara, que se destina, principalmente, aos operários do cais e das empresas desta zona fabril — e que hoje, em virtude do Refeitório Central de Lisboa se encontrar em obras, vê a sua lotação, prevista em princípio para duzentos almoços diários, aumentada para quatrocentos e cinquenta, o que constitui um pesado encargo para o seu pessoal, em todo o caso sempre tão atencioso e amável.

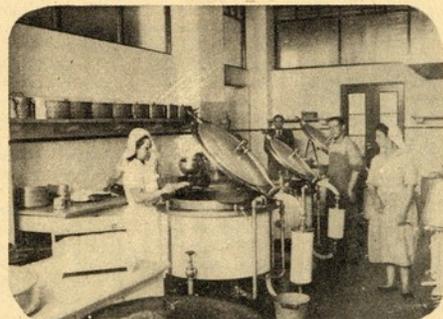
O Refeitório Central de Lisboa, segundo as estatísticas que nos foram fornecidas pelo senhor Carvalho, chefe dos refeitórios, desde 1936 a 1941 forneceram 760.161 almoços aos seus associados; e o do Pórtio, no mesmo período, 492.026.

Quanto à Colónia da Caparica, desde 1938 e 1941 beneficiaram das suas instalações 2.094 pessoas.

É, de facto, a F. N. A. T. uma organização modelar, com um largo futuro no campo do auxílio social. O operário, o empregado ou, ainda, o funcionário do Estado, não se sente deslocado, não pode sentir nesta cooperação o significado de uma esmola ao tomar as suas refeições nos refeitórios da F. N. A. T. ao preço módico de três escudos. Pelo contrário, as instalações são bem cuidadas, as refeições confeccionadas com higiene e o seu pessoal bastante correcto. O operário, o empregado ou o funcionário do Estado sentem-se na F. N. A. T. como em qualquer outro restaurante onde somente encontraria uma modificação: licença de poder escolher à vontade, segundo os seus gostos preferidos. Mas, também, nessa casa, o custo da refeição não seria de três escudos...

Cabe, pois, à F. N. A. T., já que a tão bons resultados chegou, não esquecer os bairros operários de Belém, Poço do Bispo e Benfica, isto quanto à nossa capital, onde milhares de trabalhadores desejariam beneficiar das vantagens facultadas aos seus camaradas de Alcântara.

Além de Lisboa, outras grandes cidades e vilas do nosso Portugal desejariam ver nelas instaladas as organizações da F. N. A. T., desejo esse que, por agora, irrealizável. É, de facto, um sonho, mas todos esperam que, em alguns anos, seja realidade, realidade essa que compete ao Estado levar a cabo, ajudando a F. N. A. T. na sua obra em prol de quem trabalha.



É aqui nesta cozinha de bom aspecto higiénico que se preparam os almoços da F. N. A. T.



Não se pode dizer que falta aqui arranjo convidativo.



Boa sopa!...



Mais uma pinga, faça favor...

RUMORES DO MUNDO

Quais foram os generais que visitaram a frente de batalha da Tunísia antes do desencadeamento da ofensiva anglo-americana?

OS chefes militares que dirigem, praticamente, a actual fase da campanha tunisina são os britânicos Alexander e Montgomery. Os generais Eisenhower e Giraud têm neste sector um papel mais administrativo do que combatente, e modo que embora sejam considerados comandantes-chefes das formações regulares americanas e francesas, apenas dispõem do comando nominal destas tropas. No entanto, Giraud e Eisenhower pouco antes do início da ofensiva estiveram, em visitas de inspecção, respectivamente, nos quartéis-generais de Alexander e Montgomery.

GIRAUD

A propósito destas visitas não queremos deixar de reproduzir uma frase do general Giraud, a qual é por assim dizer a única razão de ser deste «eco». Ao despedir-se de Alexander, o chefe francês, enquanto apertava a mão ao general britânico, disse-lhe: «Meu caro, se conseguir apanhar Rommel vivo, peço-lhe o favor de não se esquecer de me informar, porque eu tenho umas velhas contas a ajustar com o mar-chal».

Recorde-se o facto de ter sido Rommel quem aprisionou o general Giraud durante a Batalha da França em Maio de 1940...

Qual é a atitude que os Estados Unidos parecem querer adoptar perante o conflito no Extremo-Oriente?

SÓ agora foi anunciado que, em fins de Março, o general Mac Arthur esteve de visita a Washington, onde teve uma importante reunião com o almirante Chester Nimitz, supremo-comandante da esquadra do Pacífico e com o almirante William Halsey, comandante das Forças Americanas no Pacífico Sul.

O comunicado oficial que deu conta desta conferência, limitou-se a anunciar:

«A reunião dos comandantes das forças do Pacífico teve por fim dar-lhes a conhecer a política e os planos discutidos e decididos na Conferência de Casablanca, os quais se referem às futuras acções a realizar naquêle teatro de guerra».

Como é natural, o laconismo des-

te comunicado nada deixa entrever quanto à forma como se traduzirão as operações em estudo. No entanto, espera-se a todo o momento o início duma ofensiva simultânea e em grande escala contra as diferentes posições nipónicas.

Deve-se, ainda, a propósito, pôr em destaque a oportunidade flagrante de que está revestida a citada conferência em virtude da crítica pública sobre a estratégia militar americana ter atingido recentemente um grau de desagrado nunca visto.

Os jornais e revistas do grande magnata da Imprensa Hearst, por exemplo, iniciaram agora uma campanha muito violenta com a qual pretendem convencer os estadistas da Administração a abandonar a estratégia «de dominar a Alemanha primeiro — tática que apenas satisfaz os interesses egoístas dos países estrangeiros» — e exigem em grandes parangons que a América faça uma guerra estritamente americana em defesa da América.

E para justificar a sua atitude, todas as publicações de Hearst chamam a atenção da opinião pública para o facto da Rússia estar, apesar de ser aliada dos E. U., a tratar apenas dos seus interesses, como se prova pelas negociações em curso para o renascimento dos tratados de pesca com o Japão, ao mesmo tempo que a Grã-Bretanha faz o mesmo, como se demonstra pelas declarações de Churchill que parece ter afirmado só tencionar desencadear a ofensiva britânica contra o Japão depois da derrota de Hitler na Europa.

Quais são os planos do general Sikorski para a formação duma nova Europa?

NUM artigo publicado em fins de Março na revista americana *Collier's*, o general Sikorski, Primeiro-Ministro e Comandante-Chefe da Polónia, advoga, para depois da guerra, a confederação dos Estados da Europa Central no intuito de evitar a repetição de conflitos armados naquela área.

Para este, feito, a Polónia, a Tchecoslováquia, a Jugoslávia e a Grécia agiriam como fundadores da confederação e mais tarde, os povos rehabilitados da Europa Central que, temporariamente, fizeram o «jogo de Hitler», tais como a Hungria, a Roménia e a Bulgária, seriam admitidos a pouco e pouco.

Sikorski propõe, a seguir, a criação de duas confederações adicionais, uma formada pela França, Bélgica e Holanda e outra englobando os países escandinavos, e exclue a Alemanha e a Itália.



SIKORSKI

Acima de todas estas confederações, prossegue o autor do artigo, deverá existir um Governo mundial baseado na actual aliança das Nações Unidas.

Este Governo mundial «deverá ultrapassar tudo o que até hoje já foi tentado. Para isso, deverá possuir plenos poderes para promover o bem-estar económico de todas as nações e para dirigir as correntes de comércio internacional. Deverá, ainda, dispôr de fundos para melhorar as comunicações aéreas, ferroviárias, marítimas e terrestres e dum exército que ficará encarregado de manter a paz e a ordem internacionais».

O general Sikorski considera ainda fundamental para a paz total a eliminação do militarismo alemão (pela abolição do predominio prussiano e do racionamento do uso de matérias-primas na Alemanha para evitar que sejam empregadas em fins de guerra) e a punição dos responsáveis pela guerra.

A seguir, referindo-se à questão da delimitação da fronteira com a Rússia, o chefe polaco escreve que a partilha da Polónia foi anulada pelo tratado assinado por este país e pela Rússia em Julho de 1941. «Em consequência disto, estamos convencidos que será restaurada a fronteira polaco-soviética de Agosto de 1939. Desejamos manter relações amigáveis com a União Soviética e estamos a fazer todos os possíveis para colaborar com ela».

Quais foram as precauções tomadas em Itália para obstar à invasão dos Aliados?

EM consequência do constante avanço dos exércitos anglo-franco-americanos na Tunísia, o Governo de Mussolini resolveu colocar toda a organização política e económica da Itália em bases militares.

A nova lei, publicada na *Gazeta Oficial* de Roma, agrupa a população masculina de idade aproximada a 17 anos em três classes de oficiais, operários e outras ocupações.

Qualquer dos ministros italianos em exercício pode publicar decretos colocando uma fábrica ou uma empresa em pé de guerra. Caso isto suceda, todos os empregados ficam directamente sujeitos a leis militares e podem ser julgados em conselho de guerra cada vez que transgredirem os regulamentos. Em compensação, passam a ter direito a pré e a pensões.

As mulheres e todos os indivíduos de idade inferior a 17 anos que trabalhem em unidades militarizadas recebem a designação de «civis mobi-

lizados» e deste modo ficam também sujeitos a regulamentos especiais.

Como estas medidas abrangem não só os departamentos de administração civil, mas também todas as indústrias, julga-se que esta nova lei foi publicada como precaução contra qualquer tentativa de invasão.

Quais foram os problemas do post-guerra discutidos entre Eden e os governantes norte-americanos?

A PÓS a visita a Washington do Ministro dos Negócios Estrangeiros britânico, o Presidente Roosevelt declarou que as Nações Unidas estavam 95% de acordo sobre as dez questões discutidas durante a estadia do sr. Eden nos E. U.

Esses dez problemas podem ser discriminados nas seguintes categorias:

- 1.º — Fronteiras internacionais.
- 2.º — Atitude a assumir perante os países do Eixo vencidos.
- 3.º — Atitude a assumir perante os países agora ocupados pelas Potências do Eixo.
- 4.º — Zonas de influência económica, social e política das diversas nações.

5.º — Zonas de influência militar dos vários países.

6.º — Garantias colectivas para exprimir as futuras agressões.

7.º — Aviação civil.

8.º — Maneira de dar a independência aos países e colónias pouco desenvolvidas.

9.º — Escolha dum sistema financeiro internacional.

10.º — Distribuição de socorros aos países necessitados.

Nos círculos oficiais de Washington julga-se, em consequência da declaração do Presidente, que a reserva de Roosevelt em anunciar o completo entendimento entre todas as Nações Unidas é devida ao facto desse acordo estar ainda dependente de futuras negociações entre as quais se contam a distribuição dos géneros alimentícios, o sistema financeiro a adoptar e o método que se deverá seguir para a distribuição equitativa das matérias-primas.

Uma das questões a que os delegados das Nações Unidas ainda não chegaram a acordo, foi o sistema monetário a instituir depois da guerra. Porém, tudo leva a crer que, na Conferência Financeira, que está em preparação, será determinado de comum acordo o restabelecimento dum sistema monetário universal, cujo padrão continuará, provavelmente, a ser o ouro.

JOSÉ CORREIA RIBEIRO



EDEN



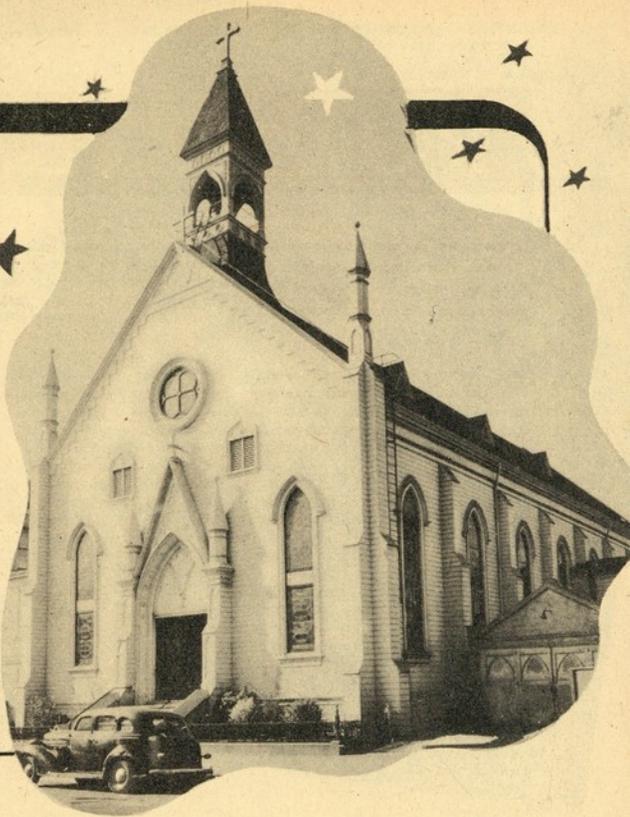
MUSSOLINI



MAC ARTHUR

FIGURAS, PALAVRAS E GESTOS

A primeira IGREJA portuguesa do OESTE americano



DURANTE mais de um século, a imigração portuguesa para a costa ocidental dos Estados Unidos cresceu sempre sem interrupção — primeiro porque a chamava a indústria da pesca da baleia, depois à procura do ouro e, mais tarde, em busca de campos para cultivo de cereais e vinhedos ou de poços de petróleo que depois era levado para as fábricas onde trabalhavam lusitanos.

Pescador, homem do campo, mineiro, operário, homem da indústria ou do comércio — o que o português nunca deixou de ser foi um mensageiro do culto de Cristo, um temente a Deus e um praticante sincero. A igreja americana — essa é que não lhe pertencia quasi sempre. Por isso erguia templos grandiosos e ermidas pequeninas, sobranceiras aos aglomerados que constituíam, ou aninhadas no burgo buliçoso. Muitas foram, portanto, as igrejas construídas — mas a primeira ficou como padrão: a de S. João Baptista, em New Bedford, erguida em 1871, pelos portugueses de Provincetown, Providence e outras cidadezinhas da Nova Inglaterra.

O exemplo de New Bedford frutificou: em 1890, os portugueses da Califórnia, pela mão do padre João Manuel Tavares, que iniciou a angariação de donativos, iam erguer a sua igreja em Oakland. Esse sacerdote sonhador e perseverante morreu antes de ver a sua obra concluída — e foi à acção do padre Manuel Francisco Fernandes que se deveram os 27 mil dólares que havia de custar a construção da igreja, concluída em 1892 e dedicada ao culto, com S. José por padroeiro.

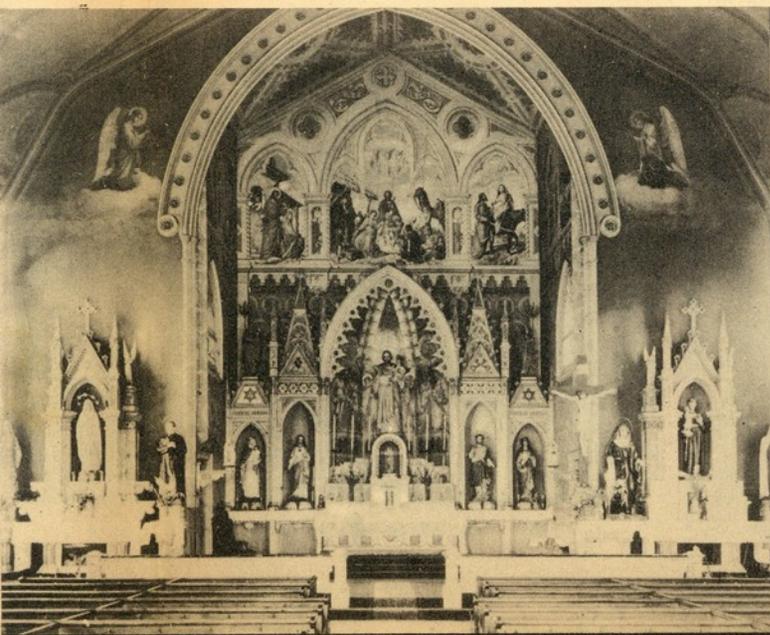
O ano passado, a colónia portuguesa de Oakland festejou as bodas de ouro da sua igreja — onde ressoam agora versos e orações portuguesas, canções ingénuas da velha terra natal.

Hoje, o padre Henrique Ferreira, da aldeia de Salvador da Lama, junto de Barcelos e banhada pelo Cávado, preside aos destinos da igreja de Oakland. Há 35 anos que reside na América, junto dos seus 18 mil paroquianos portugueses.

Anotemos como coisa curiosa: o clero italiano, na mesma cruzada religiosa, presta a Oakland o melhor da sua boa vontade e das suas convicções religiosas. O padre Guido Diva, que fala português, e o padre José Galli, que exerce o sacerdócio em São Francisco, são dois dos melhores representantes de Deus na Califórnia dos portugueses.

Outras igrejas há, entretanto, na Califórnia: do Espírito Santo, em Centerville; a de Santa Isabel, em Sacramento; a das Cinco Chagas, em East San José; a da Sagrada Família, em Aresia; a de Santa Inês, em Point Loma.

Todas estas igrejas, todos estes sacerdotes contribuem para manter em alto grau a consideração e respeito que os portugueses gozam na Califórnia, como de resto por todas as outras regiões da América onde se fixaram. Guiando-lhes o espírito pela senda da fé, não esquecem de lhes inculcir o respeito pelas leis da pátria de adopção e o amor às liberdades que essa mesma pátria lhes permite disfrutar.



Ao alto, a igreja de Oakland e em baixo, o altar-mor à esquerda e, à direita o reverendo Henrique Ferreira.

VAMOS CRIAR ABELHAS!



Gostam deste modelo?



— Um cortiço não produz mais que 2 quilos de mel, por cada 10 que nos dá a colmeia móvel...

Mas, cá fora do cordão que separa os alunos do professor, há protestos e opiniões diferentes: por isto, por aquilo, uns preferem — os velhos — os cortiços, outros atacam-nos impiedosamente.

Depois, anuncia-se a grande fase da lição do dia:

— Vamos mudar um enxame de um cortiço para uma colmeia móvel e extrair os favos de um cortiço...

Alguns alunos catrapiscavam encostados a uma sebe. Outros liam o jornal desinteressados — mas agora o caso ia mudar de figura e interessava a todos.

E começa a operação morosa e complicada: tapar os orifícios do cortiço, tirar-lhe a tampa e aplicar-lhe a caixa que há-de recolher as abelhas a transportar para a colmeia; introduzir o fumo de trapo branco de algodão pela base do cortiço, batê-lo energicamente pelo lado de fora, retirar a caixa das abelhas, abrir o cortiço despovoado, arrancar-lhe as longas placas de favos e acerta-las,

quando sem mel, a um ou dois quadros da colmeia. Esta é uma operação delicada e demorada que os técnicos experimentados que ficam na galeria aplaudem:

— Sim, senhor, ficou bem feito!

Enfim, na grande colmeia ficaram dois quadros que as abelhas soldarão. Os restantes quadros serão preenchidos por elas próprias, quando se interessarem pelo trabalho. A abertura da caixa onde as abelhas do cortiço ficaram prisioneiras é aplicada à abertura da colmeia. E entram violentamente umas. As outras fogem como podem. A entrada fica herméticamente fechada, para que nenhuma possa fugir desgostosa da nova casa. E, só à tardinha essa porta será aberta, para que as abelhas transviadas regressem ao convívio das companheiras...

A lição terminou. É quasi 1 hora da tarde. E

chovem as perguntas:

— Senhor engenheiro, diga-me cá...

— Senhor engenheiro, eu...

— Senhor engenheiro, elas...

Há um vizinho que embirra e mata as abelhas da vizinha, um que tem cortiço velho, outro, colmeia nova...

O sr. engenheiro Paixão é para todos da mesma santa paciência. Responde, aconselha, elucida:

— Dediquem-se à criação de enxames para povoamento. Há grande falta no mercado. As encomendas chovem de todos os pontos do continente, das ilhas e das colônias...

A aula torna-se assim uma espécie de útil bóia de informações. Todos acreditam na boa vontade do sr. engenheiro Paixão, todos vêem na indústria rendimento de tentar — todos querem realizar a legenda oficial: é preciso produzir — mesmo quando não seja possível poupar...

M. S. A.



As abelhas fogem do cortiço para a caixa de recolha...



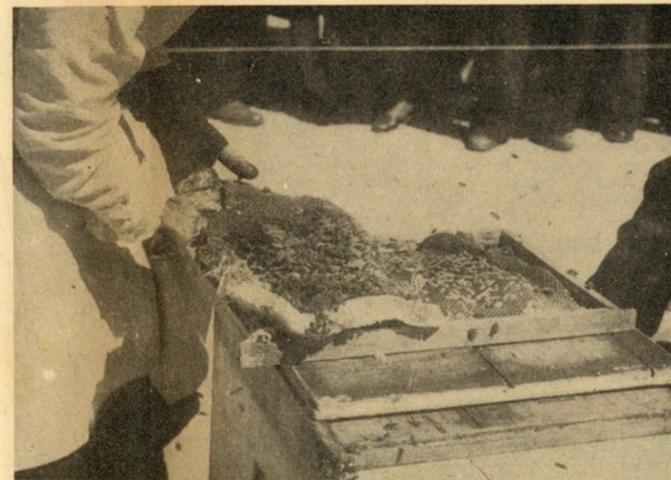
Cuidado, que não mordam...



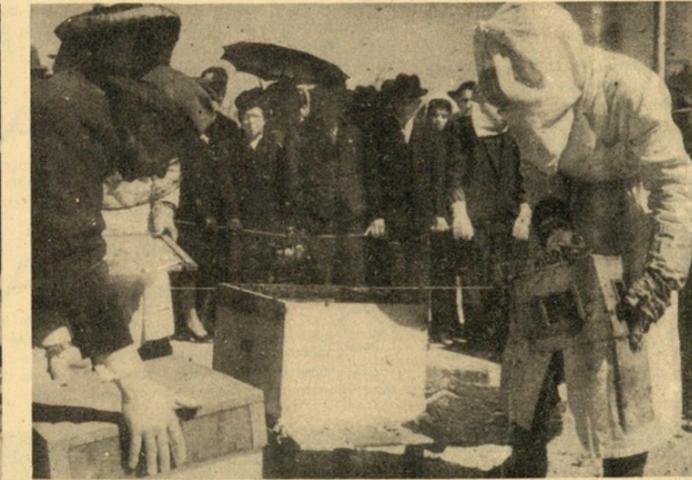
As abelhas fugiram, os favos ficaram e a cera escoa-se...



Depois abre-se o cortiço...



Tiram-se os favos que se colocam nos quadros da colmeia...



Onde finalmente vão deitar-se as novas moradoras, prontas a fazer novos favos, a dar mais mel e a fazer mais cera...

S E você não fosse preguiçoso, ter-se-ia levantado mais cedo no domingo passado e, aí por volta das 10, já estava na Tapada da Ajuda. Estão ali a funcionar uns cursos curiosos de apicultura que talvez lhe interessasse frequentar. Sei que você, além de curioso é oportunista, e sei por isso que se eu lhe disser que a cera, o mel e a criação de enxames são hoje mais que nunca negócios rendosos — você lá estará caído, todos os domingos, no Posto Central de Fomento Agrícola que o engenheiro-agrônomo sr. Correia Paixão está a dirigir. É ele também que rege os cursos de que lhe falei. Todos os domingos, efectivamente, é lá esta, no centro de um grande quadrado, defronte de uma mesa e de um microfone, rodeado de mais de 100 alunos.

— Duzentos e doze são os que estão matriculados — diz o engenheiro Paixão — mas para falar ao certo, 112 ou 113 são os que, em regra, aparecem.

— Onde vêm?
— Um pouco de toda a parte: dos arredores de Lisboa, como Estoril, Colares, Lavradio, Caxias, Bucelas, Trafaria; de mais longe: Santarém, Leiria, Setúbal, Beja, Entroncamento, Alenquer e Torres Vedras... São, geralmente, lavradores abastados, gente de tom, que resolve, assim, vir fazer um "week end" à capital. Vêm, de facto, no sábado à tarde, assistem no domingo às aulas e regressam, nessa mesma tarde, à sua terra. Como vê, revela tudo isto excepcional boa vontade.

— Sacrifício compensado...
— Com certeza. Estão a levantar-se as últimas estatísticas. Mas posso dar-lhe números de 1935, ano em que havia 15 mil colmeias móveis, 485 mil cortiços, com uma produção, em mel, de 1.200.000 quilos, e, em cera, de 1.000.000 de quilos...

— E o valor?
— As colmeias móveis estavam avaliadas em 1.236.000\$00; os cortiços em 12.983.160\$00. O valor global da produção, em mel e cera, estava avaliado em 8 milhões de escudos. Mas pode ter a certeza de que este valor, de 1935 para cá, multiplicou-se poderosamente.

— Toda a produção é consumida entre nós?
— Pelo contrário. A exportação do mel e da cera pesa bem na nossa balança económica.

— São uma revolução, estes cursos...
— Tanto não direi. Mesmo porque eu, a partir do ano passado, não fiz mais do que retomar o fio que o meu colega Luis Corte Engrácio havia conduzido, durante o tempo em que ocupou o lugar que eu vim tomar.

— Há só este curso de apicultura, no país?
— Aos sábados funciona para os alunos do Instituto Superior de Agronomia e Escola Superior Colonial. Aos domingos, antes destes cursos para externos, há os outros para os alunos da Escola Agrícola da Paiz. Além disso, o ano passado funcionou um curso igual a este em Leiria, e ainda durante o ano corrente funcionarão outros em Sousel e na Quinta do Anjo, perto de Palmela.

— A começar a aula. Os alunos são surpreendidos pelo fotógrafo, tal qual os apresentamos, com modelos de chapéus que talvez venham a inspirá-lo a você, leitor, ou a senhora da sua família...
— Contra o ferrão das abelhas, é preciso calçar luvas e proteger o rosto com véus em gaze, sacos de riscado que enfiarmos na cabeça, guarnecidos de rede junto aos olhos...

— Escafandros, flores exóticas — um mundo de sugestões, aí está o que eles representam...

— A lição principia. Diante de uma mesa, de microfone em punho, o sr. eng. Paixão fala de condições do clima e do solo preferidos para uma boa exploração agrícola; a proximidade das flores e a larga distância a que os enxames devem encontrar-se de fábricas de açúcar; a defesa da colmeia móvel e os inconvenientes do cortiço...

— Em volta, os alunos, que assinaram a presença num livro de registos, seguem atentamente a lição, comentam-na, e seguem os movimentos da sr.ª eng.ª Emilia Paiz que ilustra as palavras do sr. eng.ª Paixão: monta e desmonta caixilhos, tampas, caixas e quadros das colmeias móveis; faz girar o extractor centrífugo cujas vantagens anuncia sobre o velho processo de espremer os favos; dá ao fole do fumigador que servirá para ajudar a expulsar as abelhas do cortiço...

O sr. eng.ª Paixão insiste:

CALCADA DA GLÓRIA

À MANEIRA DE RAÚL BRANDÃO

LEMBRO-ME bem da Lisboa amável e condescendente de há umas dezenas de anos, com os regeneradores e os progressistas alternando no poder a sua sobrecaçaca e o seu chapéu alto; dos lisboetas risonhos com a ponta dos lenços espreitando da algibeira dos casacos; das meninas amando, ao luar, dos quartos andares para a rua, através dum fio de vela e dum telefone de cartão, diante do bigode pacato da Municipal. Pelo Chiado, a caminho das Côrtes, passavam conselheiros solenes, de calva lustrosa, fumando charuto. Os dois grandes homens do tempo eram, alternadamente, o Hintze — e o José Luciano. A caricatura era a luçada de ar fresco. A caricatura — e a revista do ano. No fundo, a vida não oferecia largos inconvenientes. Vivía-se. A ambição/suprema limitava-se a um emprêgo de algumas dezenas de mil réis por mês. Jogava-se o gamão — e o voltarete. O suspiro acompanhava o amor — e o chá.

Tudo isto foi ontem ainda — e parece sepultado sob o pó dos séculos que passaram. Veio o «jazz». Veio o «cocktail». A mulher principiou a mostrar a perna. O homem a mostrar — a ceroula. Lisboa transformou-se. Até as velhas casas do Rossio, com as suas trapeiras e os seus telhados mouriscos, até essas raparam as sobranceiras, pintaram os olhos, mudaram de cara. Tudo se desfazou. O próprio D. Pedro desce agora de pijama azul, tódas as manhãs, para tomar o seu banho, entre as sereias e os tritões de bronze que jorram água furiosamente verde...

A HISTÓRIA

SEGUNDO temos conhecimento, uma tarde destas, na Biblioteca Nacional estiveram sentados à mesma mesa o dr. António Cabral, ex-ministro da Monarquia, e o sr. António Maria da Silva, ex-ministro da República. Um e outro colhiam apontamentos — decerto para as suas memórias históricas. Não há nada ainda como a História para unir os homens!

PARADOXOS

REALIZOU-SE, há dias, o tradicional jantar anual de confraternização do pessoal do

PÁSMAI, Ó GENTES!



Como dizia o poeta
Tenho visto até agora
Mil coisas que são portentos:
Trinta velhos rabujentos
Já vi nos braços da Glória;
Uma pulga puxando à noit;
Correr para trás um rio;
Velas a arder sem pavio;
Um alfabeto a lêr;
Só faltava agora vêr
Como vi, sem êle vêr
(A dizer mal me atrevo)
O dr. Queiroz Veloso
Na Pastelaria «Trêvo»,
De bochecha nédia e meiga,
A comer, todo baboso,
Torradinhas... com manteiga!
Com manteiga, mais com chá,
E já se diz, à porriça,
Que manteiga só se dá
A quem fór... da Academia!

«Diário de Lisboa». Na mesa de honra sentou-se o matador de toiros Alé. Apesar de estar presente apenas um matador, foi um banquete com todos os matadores... Mais um paradoxo do dr. Joaquim Manso!

ANIVERSÁRIO

RAMADA Curto fêz, há dias, anos. Fêz, não: desfez. Na verdade, enquanto todos nós fazemos anos, Ramada Curto desfá-los...

PALAVRAS

O dr. Jaime Lopes Dias, director dos Serviços Centrais da Câmara Municipal de Lisboa, é um espirito encantador. Talvez por

isso certa senhora francesa nos dizia, uma tarde, falando dêle:
— *J'aime Lopes Dias!*

JUNQUEIRO E RAMALHO

AO reler agora o 2.º volume da nova edição das *Farpas* lembrei-me da definição de Junqueiro sobre Ramalho Ortigão: — um pinheiro coroado por uma melancia!

LITERATURA INFANTIL

Anossa literatura para crianças foi agora enriquecida com um livro de Adolfo Simões Müller: *O Feiticeiro da Cabana Azul*. Trata-se dum capítulo da História de Portugal — o das descobertas — contado com a leve graciosi-

dade duma história aventurosa. Lê-se e relê-se — mesmo sendo-se velho. A agradável apresentação gráfica e as belas ilustrações de Manuel Lapa fazem do volume um autêntico brinde para a Páscoa.

GENTILEZA

DIZIA-NOS ontem F. G.:
— A Emissora Nacional está amabilíssima. Agora até nos dá diariamente Chá Likung!
Sabidas as contas, não é Chá Likung: é Charlie Kuntz, o pianista.
Oh! os trocadilhos!

CASAMENTOS

O que dá mais causa ao divórcio, senhor conselheiro? — perguntava um dia certa senhora ao conselheiro Francisco de Mendonça, do Supremo.
Logo êle, sorrindo:
— O casamento, minha senhora.

A FEIRA

O «Século» tomou a iniciativa de organizar uma feira em Palhavã, e que será uma irmã mais nova da Feira de Alcântara, da Feira de Santos e da Feira de Agosto. Pois lá estaremos com a nossa barraca de petiscos — e que terá este nome, com a devida vénia:
— *A Flor do Rosa!*

PRINCIPE GUILHERME

O gabinete de Guilherme Pereira de Carvalho, no S. P. N., não é apenas o gabinete dum autêntico chefe do protocolo: é o gabinete dum príncipe de bom gosto. Apetece estar lá. Um espanhol que há tempos o visitou não se conteve que não exclamasse, afundado amavelmente num «maple»:
— *Guilhermito! Qué buena cara tiene teo despachol!*

QUEIMA DAS FITAS

PREGUNTARAM a um dos nossos humoristas se êle ia a Coimbra assistir à próxima queima das fitas. Respondeu:
— Vou — se me garantirem que são queimadas algumas das fitas do nosso Cinema!

MÉDICOS

POR QUE não se casa, doutor? — perguntou certa vez uma cliente ao célebre dr. Vancouver, lente da Faculdade de Medicina de Paris.
— Porque aos médicos não compete aumentar a população, minha senhora... — respondeu êle.

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES

Sinfonia

do RITMO



«Ballet» infantil alemão instruído por Margaret Hess para se exibir em festas dedicadas à Força pela Alegria, à Wehrmacht, nos hospitais, fábricas e noutros recintos.



«Difícil e bem feito!» — dizem os olhos das pequeninas acrobatas.



Uma pequenina acrobata do «Ballet» de Margaret Hess executando um exercício perante a admiração das suas companheiras.



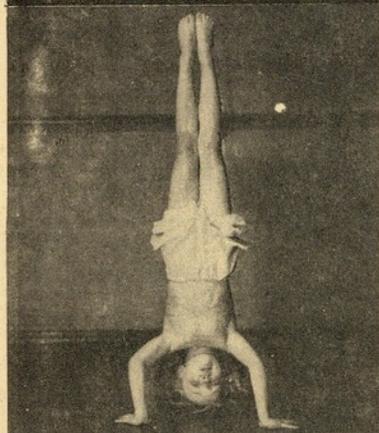
Um exercício em conjunto... ou os VV de uma atitude vitoriosa...

A dança, tão velha como a velha humanidade, conserva nesta página expressões juvenis inultrapassáveis. O ritmo da música toma atitudes plásticas que são sugestões únicas de beleza, motivos de encantamento e uma força espiritual fundada em razões sagradas. Mas dançar não é tão fácil como pode supôr-se. À margem de uma intenção inata de atitudes e de movimentos graciosos, ditados pelo que há de mais sincero no indivíduo e que é a arte—para dançar é necessária uma preparação causticante, dolorosa, como não será difícil de compreender pelo estudo destas imagens. Elas falam-nos do «Ballet» infantil alemão instruído por Margaret Hess. Exibe-se nas festas dedicadas à «Força pela Alegria», que Lisboa conhece da visita que nos fêz uma embaixada graciosa de raparigas e rapazes filiados. E exibe-se nas festas para os doentes dos hospitais, nas festas da Wehrmacht, fábricas e em todos os recintos onde seja necessário levar uma mensagem de beleza...

As atitudes reproduzidas, quasi sempre pitorescas, não são, entretanto, de execução fácil—e quem puder que experimente imitar...—mas as pequeninas bailarinas acrobatas sabem que para lá do sacrifício das lições e dos ensaios há um mundo melhor de beleza que o público vai premiar com aplausos...



«Ser bailarina não é para todas...» — diz Margaret Hess, durante este exercício...



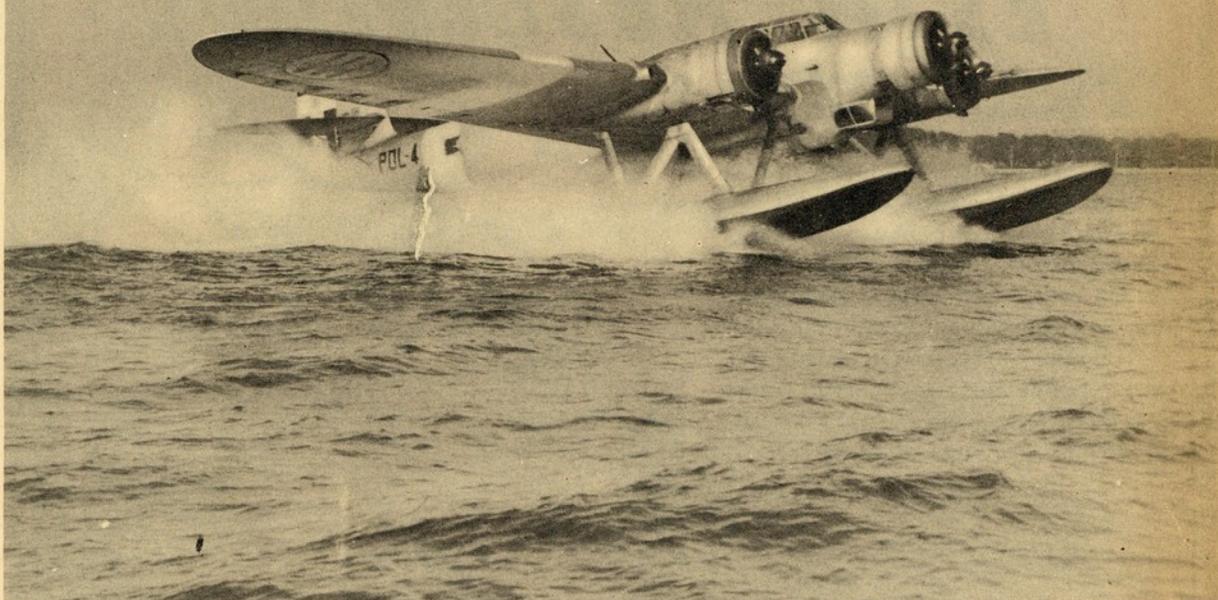
Parece fácil, mas não é...



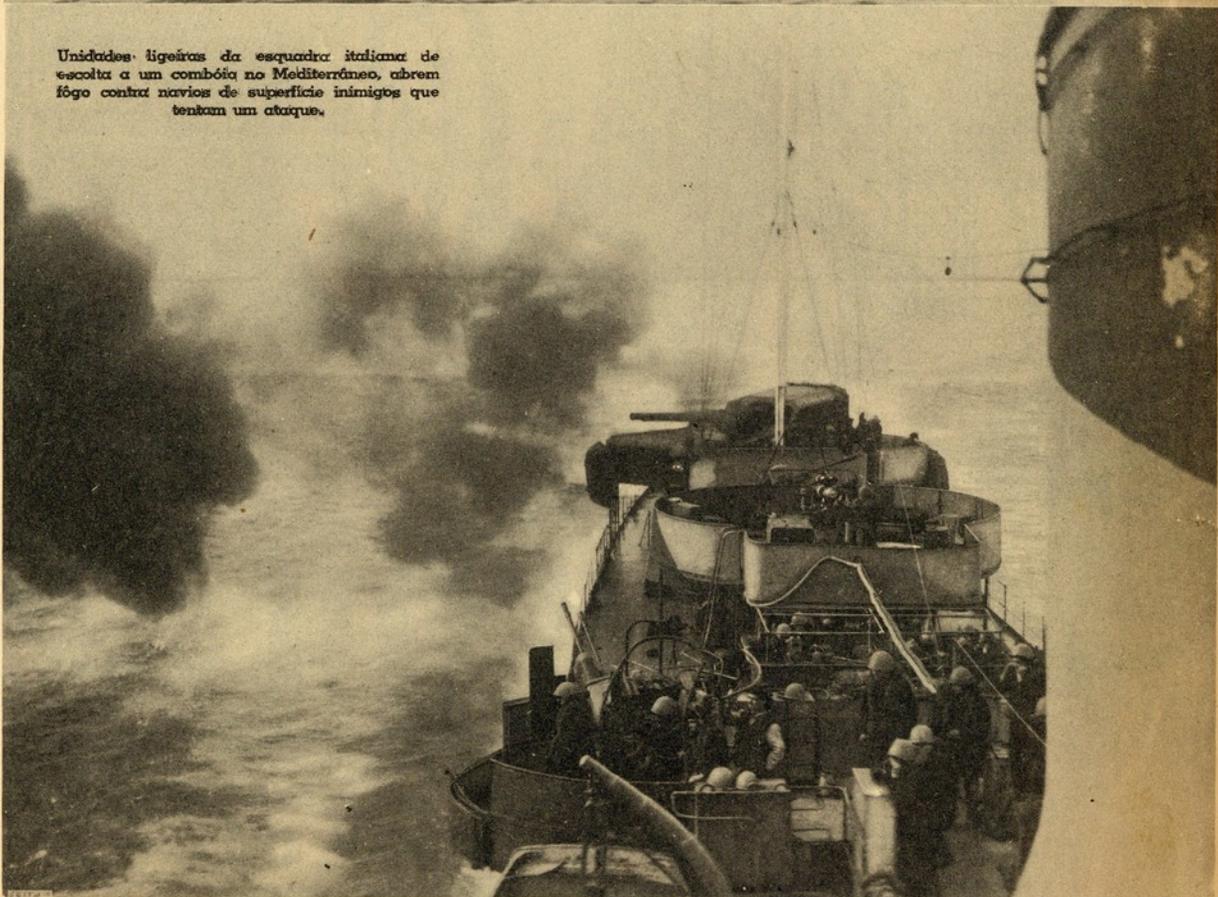
Na tortura dos músculos e na serenidade de um rosto lindo e pequenino reside a valorização do exercício desta acrobata.



Um grande hidro da aviação italiana larga
para um longo reconhecimento sobre o mar



Unidades ligeiras da esquadra italiana de
escorta a um comboia no Mediterrâneo, abrem
fogo contra navios de superfície inimigos que
tentam um ataque.

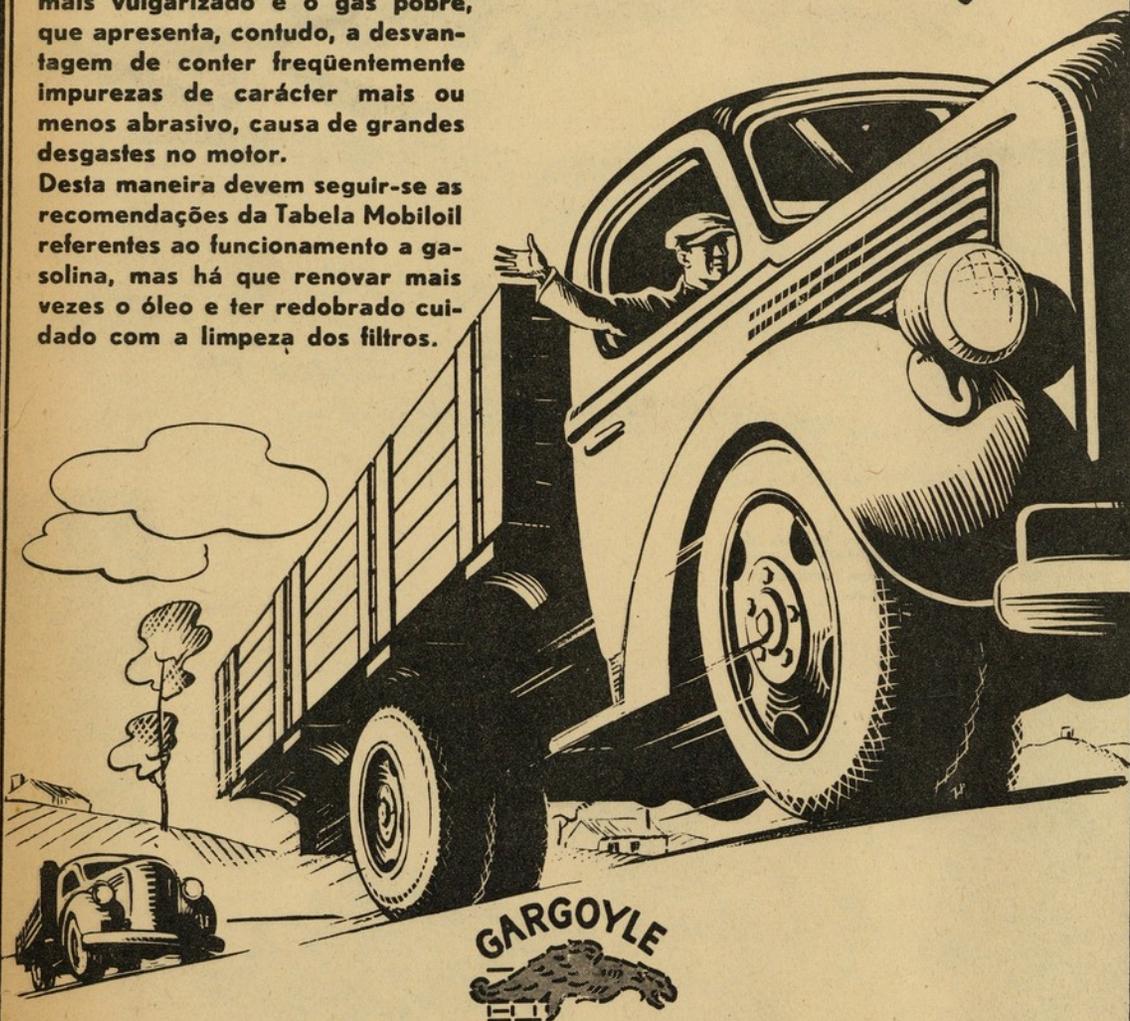


Enquanto não vem a gasolina...

O SEU CASO ESTA' RESOLVIDO!

Na falta de gasolina, o combustível mais vulgarizado é o gás pobre, que apresenta, contudo, a desvantagem de conter freqüentemente impurezas de carácter mais ou menos abrasivo, causa de grandes desgastes no motor.

Desta maneira devem seguir-se as recomendações da Tabela Mobiloil referentes ao funcionamento a gasolina, mas há que renovar mais vezes o óleo e ter redobrado cuidado com a limpeza dos filtros.



MOBILOIL

Lubrique racionalmente o seu carro -
Contribuirá para uma melhor economia nacional.

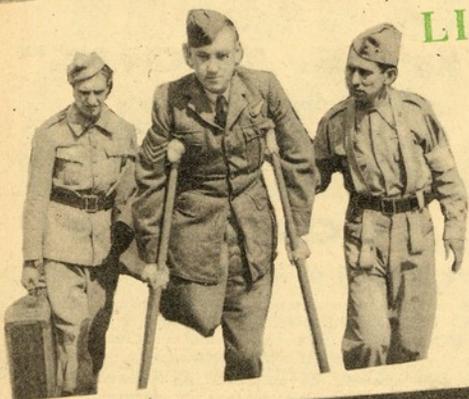
SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.

M
C

1944

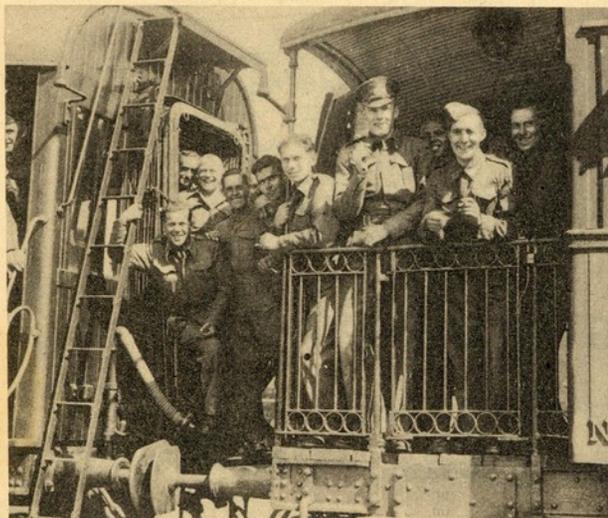
LISBOA, PORTO NEUTRAL

TROCARAM-SE
857 prisioneiros



Sob a garantia do governo português, fez-se a troca de prisioneiros italianos e ingleses. Em macas usando muletas, estropeados quasi todos, esses homens regressam ás suas pátrias, em busca de outro amparo.

Regressaram á pátria, muitos deles sem remédio definitivo para os males físicos. Mas o espectáculo de luz e de paz que recolheram nesta Lisboa amável, há-de ficar-lhes na lembrança como recordação diferente de tudo o mais...



Os italianos desembarcados do «Newfoundlands» desceram em Alcântara, assim como os ingleses, vindos de combóio, tendo todos carinhoso acolhimento por parte dos representantes do governo português, da Cruz Vermelha e dos governos respectivos.



Ao todo, eram 857 homens que encontraram em Lisboa, além de jornais com notícias de todo por ele ignoradas, pacotes com bolos, cigarros e, principalmente, um sol e uma alegria de muitos com certeza que esquecidos.

...aqui

AMERICA

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LÍNGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

HORAS	ESTAÇÕES	ONDAS CURTAS	
7.15	WEBX	31.1 m.	9.650 kc/s.
9.45	WRUW	49.6 m.	6.040 kc/s.
11.45	WBOS	48.8 m.	6.140 kc/s.
13.45	WBOS	25.3 m.	11.870 kc/s.
17.45	WBOS	19.7 m.	19.210 kc/s.
17.45	WGEA	25.3 m.	11.847 kc/s.
19.45	WGEA	25.3 m.	11.847 kc/s.
21.45	WGEO	31.5 m.	9.530 kc/s.
22.45	WGEO	31.5 m.	9.530 kc/s.
1.15	WDJ	39.7 m.	7.565 kc/s.

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da
AMERICA em MARCHA

Companhia Nacional de Navegação

LINHA DA AMÉRICA

Navio-motor **"S. THOMÉ"**

sairá no dia 29 do corrente
para **FILADELFIA**

RECEBE CARGA E PASSAGEIROS
LINHA RÁPIDA DA COSTA OCIDENTAL E ORIENTAL

Paquete **"QUANZA"**

sairá no dia 1 de Maio, pelas 16 horas

recebendo carga e passageiros para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOSSAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE e outros portos da Costa Oriental, sujeito a baldeação

A carga será recebida até ao dia 27 do corrente, inclusivé
LINHA RÁPIDA DA COSTA OCIDENTAL

Paquete **"LOURENÇO MARQUES"**

sairá no dia 4 de Maio, pelas 16 horas

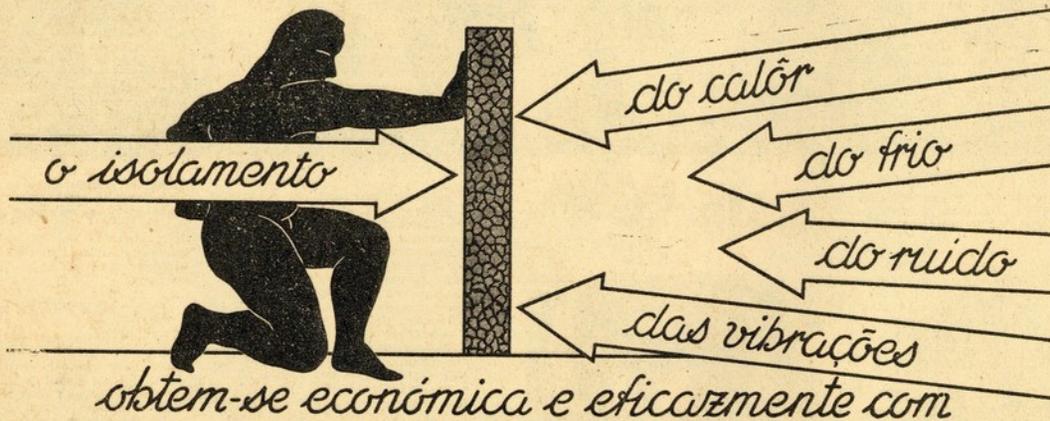
recebendo carga e passageiros para: PRINCIPE, S. TOMÉ, SAZAIRE, LUANDA, PORTO AMBOIM, NOVO REDONDO, LOBITO, MOSSAMEDES e outros portos de Angola, com baldeação em LUANDA

A carga será recebida até ao dia 1 de Maio, inclusivé
Os senhores passageiros devem apresentar as suas bagagens na Delegação Aduaneira de Santa Apolónia até à antevéspera da saída dos navios.

PARA ESCLARECIMENTOS E MAIS INFORMAÇÕES:

EM LISBOA — Rua do Comércio, 79 e 85 — Telefones 2 3021 a 2 3026.

NO PORTO — Rua Infante D. Henrique, 73. Telefone 1434.



CORTIÇA *Jointite*

em placas de aglomerado puro

Mundet & C.^a, L.^{da}

Sede: **SEIXAL**

SUCURSAL EM LISBOA

Rua dos Fanqueiros, 15
TELEFONE 2 2552

TODOS OS PRODUTOS DE CORTIÇA

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo VIII - A ofensiva japonesa

8

A OCUPAÇÃO DA MALÁSIA

DODE dizer-se que a campanha da Malásia, que teve o seu episódio culminante na queda de Singapura, durou exactamente dois meses, entre 14 de Dezembro de 1940 e 14 de Fevereiro de 1941. A operação preliminar, indispensável para a sua conclusão vitoriosa por parte dos japoneses, foi o afundamento dos navios de escala na costa oriental da Malásia e tomados o istmo de Kra e os portos e aeródromos de Singora e de Patani, os japoneses não perderam tempo e iniciaram a sua marcha em direcção ao sul, utilizando a estrada e o caminho de ferro. Ao mesmo tempo, as forças japonesas que haviam atravessado o istmo de Kra ameaçavam o importante aeródromo de Point Victoria, na extremidade sul da Birmânia, o qual tinha uma grande importância não apenas para a defesa da Índia e da Birmânia mas também para a defesa da Malásia, de Singapura e de Sumatra. No dia 14 de Dezembro a guarnição de Point Victoria evacuou o aeródromo e este episódio marcou, de facto, o início da campanha da Malásia.

Afundadas as unidades da esquadra britânica que podiam impedir os desembarques nipónicos em grande escala na costa oriental da Malásia e tomados o istmo de Kra e os portos e aeródromos de Singora e de Patani, os japoneses não perderam tempo e iniciaram a sua marcha em direcção ao sul, utilizando a estrada e o caminho de ferro. Ao mesmo tempo, as forças japonesas que haviam atravessado o istmo de Kra ameaçavam o importante aeródromo de Point Victoria, na extremidade sul da Birmânia, o qual tinha uma grande importância não apenas para a defesa da Índia e da Birmânia mas também para a defesa da Malásia, de Singapura e de Sumatra. No dia 14 de Dezembro a guarnição de Point Victoria evacuou o aeródromo e este episódio marcou, de facto, o início da campanha da Malásia.

O ataque à Malásia desenvolveu-se, simultaneamente, com o ataque à Birmânia e o conjunto destas operações excedeu, em muito, a capacidade defensiva das posições britânicas no Extremo Oriente. Aos primeiros ataques aéreos registados na Birmânia sucederam-se operações terrestres de certa envergadura. O primeiro raid aéreo contra Rangoon foi particularmente violento, tendo-se registado no decurso dele algumas centenas de mortos e inúmeros feridos. Os japoneses entretanto tiveram de defrontar, pela primeira vez, a oposição da aviação americana, pequena em número e com tripulações insuficientemente adestradas nos métodos da guerra moderna. Os tripulantes dos aparelhos nipónicos revelaram, durante estas operações iniciais, uma superioridade incontestável e o êxito da sua ofensiva não tardou a fazer-se sentir no quadro geral da guerra no Extremo Oriente.

MODIFICAÇÃO DE COMANDOS

No dia 26 de Dezembro realizou-se em Rangoon uma importante reunião dos chefes militares aliados encarregados de dirigir as operações no local. A ela assistiram o general Wawell, comandante chefe das forças imperiais na Índia e o general Brett, chefe da aviação norte-americana no Oriente. Esta reunião foi seguida de uma visita dos elementos que nela tomaram parte a Chung-King onde permaneceram durante três dias em conferência com o marechal Chang-Kai-Chek, pois a defesa

das posições aliadas naquelas paragens tinha de ser estreitamente concertada com o chefe da China nacionalista.

Alguns dias depois o governo britânico procedia à nomeação de um general para se encarregar exclusivamente da defesa da Birmânia e incluiu esta região na zona de operações confiada ao general Wawell. A escolha do governo de Londres recaiu no tenente-general Hutton que, até aí, fora um dos mais íntimos colaboradores do general Wawell na organização da defesa da Índia.

As relações entre os países anglo-saxónicos e a China tornaram-se mais estreitas depois dessas reuniões em que se assentou na realização de uma estratégia comum. O governo chinês sofreu uma remodelação de grande importância e que havia de se revelar fértil em consequências benéficas para a realização dum esforço comum de guerra no Extremo Oriente. O dr. T. V. Soong foi nomeado ministro dos Negócios Estrangeiros. A circunstância de se encontrar nos Estados Unidos na altura da sua nomeação, o desempenho de uma missão especial, revestiu-se de um significado transparente. Ao mesmo tempo o governo britânico designava o general Henry Pownall para segundo comandante das forças imperiais

britânicas no Extremo Oriente, devendo auxiliar a operação directamente com o marechal do Ar, Sir Robert Brooke Popham, encarregado da direcção suprema das operações na área compreendida entre a Índia e Hong-Kong. Estas modificações e conferências deram inicialmente a impressão de que os Aliados estavam decididos a enfrentar a ameaça nipónica com todo o vigor e criaram um sentimento de optimismo que veio mais tarde a revelar-se prejudicial à causa que os novos chefes, designados em Londres e Washington, estavam encarregados de defender.

CARACTERÍSTICAS DA LUTA

Em fins de Dezembro de 1940 a superioridade dos japoneses na luta para a posse da Malásia afirmara-se já, de maneira decisiva. Em combates num campo de operações restrito e mesmo em combates sobre o corpo os japoneses não se mostravam superiores aos seus adversários, e algumas vezes se revelaram inferiores. Mas quando se tratava de combater em grandes áreas e, sobretudo, de penetrar ao longo do território que se encontrava em poder dos britânicos, a vantagem que resultava dum conhecimento mais completo da tática a empregar afirmava-se imediatamente. A esta superioridade, que se traduzia no terreno pelo emprego adequado das armas ligeiras, espingardas e metralhadoras, somava-se a superioridade incontestável da aviação nipónica, afirmada tanto na quantidade e qualidade dos aparelhos como na pericia das respectivas tripulações.

A fim de quatro semanas de combates incessantes, as tropas imperiais britânicas tinham-se visto forçadas a abandonar as regiões do norte da Malásia, importantes sob o ponto de vista estratégico e valiosas sob o ponto de vista económico. jazigos de estanho, minas de ferro e plantações de borracha podiam considerar-se, no começo de 1941, irremediavelmente perdidos para o esforço de guerra dos Aliados no Oriente. A semelhança física entre os invasores e a população indígena contribuiu para facilitar a tarefa dos primeiros. Assim a tática de armadilhas e de dissimulação, que constituía o fundo da acção nipónica, em estreita conjugação com uma rede de espionagem activa e hábil, produzia rapidamente todos os seus efeitos que surpreendiam, com frequência, os defensores mal preparados e confiantes.

Ao longo da costa, sob a protecção da esquadra e da aviação, os japoneses empregavam, para os seus desembarques, barcos de pesca em grande quantidade. A maior parte dos barcos empregados nessa tarefa tinham sido tirados aos indígenas e eram utilizados com uma pericia extraordinária pelos atacantes que assim utilizavam os recursos locais em seu próprio proveito, com desapontamento manifesto dos defensores que não haviam tomado as mais elementares medidas de precaução.

A EXTENSÃO DA CAMPANHA

Os nomes e as designações geográficas essenciais da zona de operações da Malásia começaram a aparecer nos comunicados oficiais britânicos para assinalar a série de retiradas que, nem por serem rotuladas de movimentos estratégicos, deixavam de traduzir um recuo sistemático que só findaria com a perda de Singapura.

Perak, Kuala, Selangor, Pahang, Kuala-Lumpur eram nomes com que os leitores do noticiário telegráfico rapidamente se familiarizaram e que tiveram, naquele começo agitado do ano de 1941, uma vaga desconhecida até então. Em 10 de Janeiro o comunicado oficial britânico assinalava a retirada das tropas imperiais de Kuala-Lumpur e este facto teve repercussões imediatas no conjunto da campanha. As tropas, segundo revelavam os correspondentes dos jornais britânicos que se encontravam no local, mostravam-se muito cansadas. A falta de artilharia e de tanques tornava-se cada vez mais acentuada à medida que, com as retiradas sucessivas, iam coincidindo as sucessivas perdas de material e de equipamento. Mas era sobretudo a falta de protecção aérea adequada que tornava a sua posição insustentável.

No meio das notícias desoladoras que a Londres chegavam do Extremo Oriente, havia apenas uma notícia relativamente animadora. Os austríacos, comandados pelo general Gordon Bennet, revelavam-se superiores aos atacantes em todos os pormenores da luta e infligiam-lhes perdas consideráveis sempre que entravam em acção. Mas isso não impedia que a penetração japonesa se acentuasse rapidamente. Para isso contribuiu, de maneira decisiva, a tradicional sobriedade dos atacantes. Estes não tinham de ser alimentados pelo envio de grandes quantidades de abastecimentos. Bastava-lhes utilizar os recursos locais, especialmente o arroz, o que dispensava as autoridades nipónicas de grandes esforços. A população, embora não manifestasse qualquer simpatia especial pelos invasores, também não fazia de uma forma geral, nada para auxiliar os defensores na sua tarefa exaustiva, a qual era ainda dificultada pelas condições deploráveis do clima e do terreno.

AS FORÇAS BRITÂNICAS

O fim de Janeiro coincidiu com o início do cerco a Singapura, uma vez que todo o resto da península da Malásia já se encontrava, nessa data, praticamente na posse dos japoneses. Não contando com os voluntários, que tinha sido possível organizar com um carácter regular na cidade, e com alguns reforços chineses de escasso valor militar, a guarnição compunha-se de cerca de sessenta mil homens. Estas tropas eram principalmente compostas pela 1.ª e 2.ª Brigadas de infantaria malaia, pelas 9.ª e 11.ª Divisões indianas, pela 8.ª Divisão australiana e pela 18.ª Divisão inglesa, desembarcada recentemente. Alguns destes contingentes, especialmente os constituídos por malaios e indianos, encontravam-se muito desfalcados. Tinham sofrido perdas importantes no decurso da campanha e o seu moral, depois de uma retirada sistemática e sem esperanças de contra-ofensiva, encontrava-se naturalmente afectado. O general Pownall assumira o comando destas forças em substituição do marechal do Ar, Brooke Popham, que fora demitido no meio da campanha. Esta podia apenas ter um propósito de retardamento, pois quando os japoneses atingiram a extremidade sul da península não havia nenhuma dúvida sobre a sorte reservada à fortaleza de Singapura, até aí considerada invulnerável.

(Continua na pag. 22)

PAREÇA MAIS NOVA 10 ANOS



Aproveite esta descoberta maravilhosa dum famoso especialista de pele. Um precioso elemento rejuvenescedor, denominado «Biocel» encontra-se agora incorporado no Creme Tokalon Rosa. alimento para a pele. Aplicado à noite, nutre e rejuvenesce a pele, enquanto dorme. De manhã use Creme Tokalon Branco (não gorduroso) para tornar a pele fresca, clara e avuladada. A venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. O Depósito Tokalon. Rua da Assunção, 88. 2.º Lisboa, também atende pelo correio.

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

RUA DO COMÉRCIO, 95 A 119
LISBOA

Capital Esc. 22.000.000\$00
Fundo de Reserva Esc. 98.000.000\$00

Filiais: **Pôrto, Coimbra, Braga, Faro e Covilhã.**
Agências: S. João da Madeira, Santarém,
Torres Novas, Gouveia, Estoril, Tortozendo,
Abrantes, Mangualde, Figueiró dos Vinhos
e Torres Vedras

Dependências: Alcântara, Poço do Bispo, Conde Barão
e Almirante Reis — Matozinhos

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

FABRICA DE LOIÇA DE SACAVEM

A maior Fábrica de Cerâmica fina da Península

FUNDADA EM 1580

Loiça de uso doméstico — Loiça de fantasia — Loiça sanitária: Retretes, bidés, lavatórios, etc. (branca, crème, azul, verde, preta, etc.) — Azulejos: brancos, de côr e pintados — **Mosaico Cerâmico:** grande variedade de padrões — O pavimento sem rival para cozinhas, quartos de banho, — terraços, hospitais, estabelecimentos de venda, etc. —

ARTIGOS DE 1.ª QUALIDADE

Sêde e Vendas: Avenida da Liberdade, 49-59

LISBOA

Garland, Laidley & Co., Limited

Agentes gerais em Portugal das Companhias de Navegação:

BLUE STAR LINE:

Carreiras regulares de paquetes rápidos para os portos da América do Sul, Austrália e Nova Zelândia. Passagens de 1.ª classe e carga de porão e frigorífico.

BOOTH LINE:

Carreiras regulares entre Inglaterra, Lisboa e os portos do Norte do Brasil. Passagens de 1.ª e 3.ª classes e carga.

CUNARD WHITE STAR LINE:

Carreiras entre Inglaterra e França e os portos da América do Norte. Os mais rápidos, maiores e mais luxuosos paquetes. Passagens de tôdas as classes e carga.

LAMPORT & HOLT LINE:

Carreiras de Inglaterra para os portos da América do Sul. Passagens de 1.ª classe e carga.

YEOWARD LINE:

Carreiras regulares entre Inglaterra, Lisboa, Ilhas Adjacentes e Canárias. Passagens de 1.ª classe e carga.

LISBOA:

Travessa do Corpo Santo, 10-2.º
Telefone 2 3311/3

PORTO:

Rua Infante D. Henrique, 131
Telefone 348/349

Ender. Telegr. «GARLAND»

Vinho do Pôrto "GRAHAM,

DA FIRMA

Guilherme e João Graham & C.ª

VILA NOVA DE GAIA

Agentes em Portugal e Colónias

Guilherme Graham Júnior & C.ª

LISBOA

PORTO

R. dos Fanqueiros, 7-Tel. 20066/7 ♦ Rua dos Clérigos — Tel. 880/1

HISTÓRIA DA GUERRA

(Conclusão da pág. 21)

Além de todos os métodos de ataque que até aquele momento haviam utilizado com êxito evidente, os japoneses começaram, no ataque a Singapura, a empregar paraquedistas em larga escala o que mais contribuiu para perturbar os defensores da cidade. Os três únicos aeródromos de que o comando britânico ainda dispunha começaram, desde o começo de Fevereiro, a ser bombardeados ininterruptamente. Ao mesmo tempo, a cidade era objecto de violentíssimos ataques aéreos cuja intensidade ia aumentando à medida que as tropas se aproximavam do perímetro defensivo da fortaleza.

Dois homens mantinham, no meio da perturbação quase geral, um optimismo exuberante: eram o inglês Percival e o australiano Gordon Bennett. Ambos afirmavam, poucos dias antes da rendição, que Singapura resistiria que a situação tendia para um esclarecimento favorável às armas britânicas. Os acontecimentos não tardariam a desmentir o seu optimismo.

UM INFERNO DE FOGO

O dia 4 de Fevereiro marcou o início da ofensiva geral contra a cidade.

Esta passou a viver no meio dum verdadeiro inferno de fogo que caminhava pela terra, se projectava do mar e caía do céu ininterruptamente. A resistência britânica durou dez dias, mas a falta de abastecimento e de água, as baixas em número crescente e o impeto ofensivo do inimigo acabaram por levar de vencida a obstinação dos defensores. No dia 11 êstes iniciaram uma tarefa de destruição sistemática de tôdas as instalações e obras do pôrto bem como de tudo aquilo que pudesse vir a ser utilizado, no futuro, pelo inimigo. A revelação dessas destruições constituiu um sintoma inequívoco de que a resistência não poderia prolongar-se por muito tempo.

A aviação nipônica actuava incessantemente. Os japoneses recebiam constantemente novos reforços trazidos por mar e por terra. Esta superioridade de efectivos vinha juntar-se à superioridade de meios materiais de que os atacantes dispunham desde o início da campanha. A luta nos bairros exteriores da cidade desenvolveu-se rapidamente e revestiu-se de aspectos particularmente violentos. No dia 12, o comandante-chefe das forças nipônicas, general Yamashita, enviava um convite para a cidade se render. Com êsse convite coincidia o envio de manifestos em que os japoneses aconselhavam a população a não auxiliar, de maneira nenhuma, a resistência dos defensores. Estas forças, empunham-se em prolongar a luta, embora tivessem a consciência de que a decisão se não faria esperar e conhecessem qual era o sentido dessa decisão.

No dia 13 o Quartel General japonês publicava um comunicado oficial que revelava que as forças terrestres e aéreas do Mikado haviam paralisado completamente o abastecimento de água à cidade. Os contra-ataques britânicos, não excedendo o quadro de meras operações locais, eram infructuosos perante a vantagem numérica de que o inimigo dispunha. A hora da rendição aproximava-se e todos sabiam o que era a rendição ia representar.

Na manhã do dia 14, o comunicado nipônico anunciava: «As forças japonesas puseram a sua artilharia em posição nas colinas que dominam Singapura, a leste, a norte e a oeste. Outras unidades apoderaram-se da ilha de Blakang que defende o pôrto pelo sul e tomaram os reservatórios de água e a estação de rádio. A aviação e as tropas de terra continuam a atacar furiosamente as posições britânicas. Alguns dos agentes da cidade continuam sujeitos a um bombardeamento terríveis. Era efectivamente o fim. O general Wawell que se encontrava na cidade abandonara-a de avião. O mesmo fizera o Governador dos Estabelecimentos dos Estreitos, Thomas.

Ao começo da tarde do dia 14 quatro oficiais ingleses, um dos quais era o major Wilde do Estado Maior do general Percival, aproximaram-se das linhas japonesas, conduzindo uma bandeira branca. Estavam encarregados de negociar a rendição da cidade. Foram conduzidos ao Quartel General japonês onde o general Yamashita lhes fez entrega das condições da rendição. As negociações para a rendição foram depois conduzidas, directamente, pelos dois chefes militares que até ali se haviam enfrentado e que naquele momento eram já o vencedor e o vencido, o japonês

Yamashita e o inglês Percival. As negociações foram naturalmente rápidas. Praticamente era de uma rendição sem condições que se tratava. As tropas britânicas cessariam o fogo às 22 horas do dia 14, abandonariam as posições que ocupavam e seriam completamente desarmadas. Apenas algumas centenas de agentes de polícia ficaram encarregados de vigiar para que se não produzisse qualquer alteração da ordem enquanto os vencedores não procediam à ocupação total da cidade.

Os defensores da cidade, em número de algumas dezenas de milhares, com os seus chefes constituíram-se iam prisioneiros e aceitarão o destino reservado a quem a quem a sorte das armas não favorece. A perda de Singapura era um golpe rude para o orgulho britânico e uma perda sensível para os interesses da Grã-Bretanha e dos Aliados no Extremo Oriente. O Japão, por seu lado, tirou um orgulho legítimo e compreensível da vitória alcançada naquelas condições.

As destruições registadas na cidade por virtude da luta militar eram de certa importância. Alguns dos principais bairros de Singapura tinham sido atingidos em condições particularmente perigosas. A parte ocidental, por ser a que se encontrava nas proximidades dos cais foi a que mais sofreu. A tentativa de evacuação de uma parte da guarnição britânica por êsses bairros deu origem a que os ataques japoneses se intensificassem com os correspondentes resultados. A tentativa, de resto, malograra-se completamente. O número de prisioneiros feitos, incluindo os voluntários malaios e os soldados chineses que haviam colaborado na defesa da cidade, elevava-se, segundo as informações de origem nipônica, a mais de setenta mil homens. Esta cifra não devia andar muito longe da verdade e correspondia, quasi inteiramente, à estimativa britânica dos efectivos que se encontravam em Singapura à data da rendição.

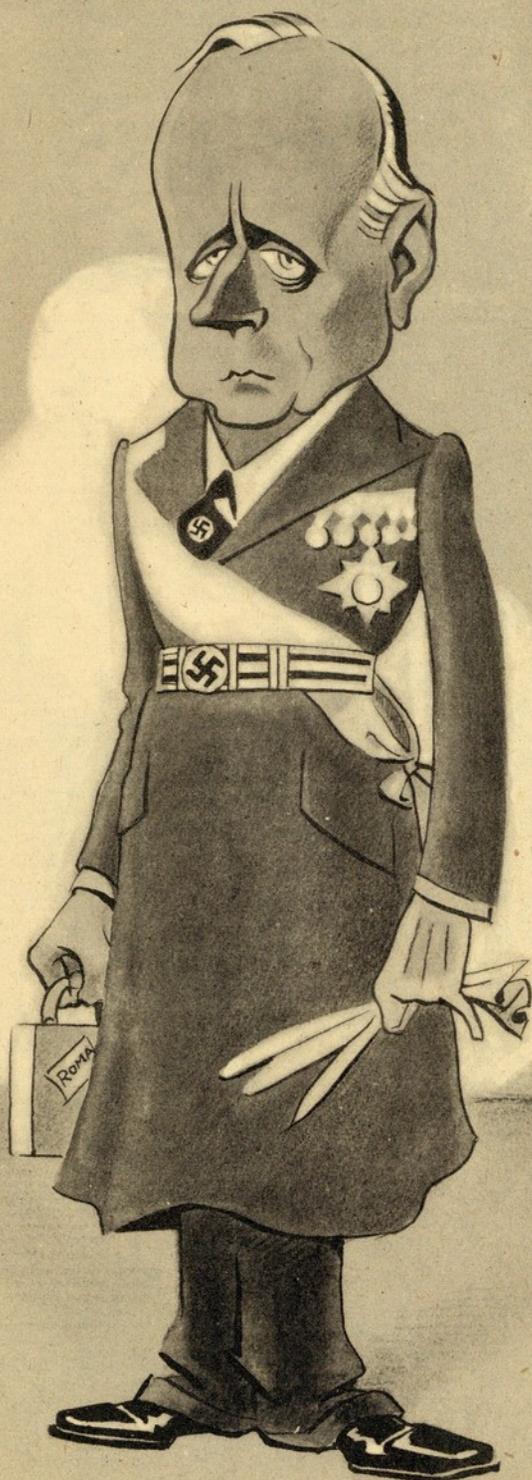
Ao anunciar, perante a Dieta do seu país, a vitória das armas japonesas o general Tojo teve o cuidado de acentuar a sua importância e de pôr em relevo as suas inevitáveis consequências: «A nossa vitória, disse êle, completa a ocupação das bases britânicas e norte-americanas na Ásia Oriental. Dessas bases, as mais importantes já caíram nas nossas mãos. Além disso, a parte mais importante da frota dos Aliados no Extremo Oriente deve considerar-se perdida. A queda de Singapura marca o fim da primeira fase da guerra na Ásia Oriental. O povo japonês não deve, entretanto, deixar-se adormecer sobre os louros colhidos. A conquista de Singapura não passa de um ponto de partida para a ofensiva, cada vez mais vigorosa, que o Japão conduz, de acordo com os seus aliados para infligir um golpe mortal nos Estados Unidos, na Grã-Bretanha e nos seus satélites.

Na Câmara dos Comuns o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha proferiu um discurso em que explicava as causas da derrota, assinalava a sua importância e acentuava a necessidade de redobrar de esforços para conseguir, num prazo mais ou menos longo, recuperar o caminho perdido e remediar os efeitos da derrota que todos deviam reconhecer corajosamente como um ensinamento e como um incentivo para melhorar as condições com que o Império britânico desejava continuar a luta.

(Continua)

PASTA MEDICINAL
Couto
Evita as doenças da boca

Von Ribbentrop, o Ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha.
(Visto por Santana)



α J. 22-4-



Um mais recente foto do general Giraud, o grande chefe militar da França combatente. Foi obtido quando o general visitou, na África do Norte, a esquadilha «Lafayette», o corpo de aviação francesa que combate ao lado das Nações Unidas.